



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

KELLY CRISTIANE NUNES

**A VOZ DA RESISTÊNCIA NEGRA NA POESIA LÍRICA DE ALZIRA RUFINO,
BEATRIZ NASCIMENTO E ESMERALDA RIBEIRO.**

**CASCAVEL – PR
2022**

KELLY CRISTIANE NUNES

**A VOZ DA RESISTÊNCIA NEGRA NA POESIA LÍRICA DE ALZIRA RUFINO,
BEATRIZ NASCIMENTO E ESMERALDA RIBEIRO.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados.

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira.

CASCADEL – PR
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Nunes, Kelly Cristiane
A VOZ DA RESISTÊNCIA NEGRA NA POESIA LÍRICA DE ALZIRA
RUFINO, BEATRIZ NASCIMENTO E ESMERALDA RIBEIRO. / Kelly
Cristiane Nunes; orientadora Valdeci Batista de Melo
Oliveira. -- Cascavel, 2022.
80 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Poesia negra. 2. Resistência. 3. Vozes femininas. I.
Batista de Melo Oliveira, Valdeci , orient. II. Título.

KELLY CRISTIANE NUNES

**“A VOZ DA RESISTÊNCIA NEGRA NA POESIA LÍRICA DE ALZIRA RUFINO,
BEATRIZ NASCIMENTO E ESMERALDA RIBEIRO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa “Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados”, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

APROVADA pela seguinte banca examinadora:



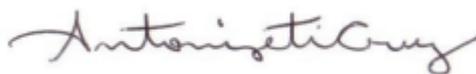
Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Orientadora



Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Membro Efetivo (convidado)



Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Membro Efetivo (da Instituição)

Cascavel, 12 de agosto de 2022

“No meio do caminho tinha uma pedra”
Mas a ousada esperança
De quem marcha cordilheiras
Triturando todas as pedras
Da primeira à derradeira
De quem banha a vida toda
No unguento da coragem
E da luta cotidiana
Faz do sumo beberagem
Topa a pedra-pesadelo
É ali que faz parada
Para o salto e não recuo
Não estanca os seus sonhos
Lá no fundo da memória,
Pedra, pau, espinho e grade
São da vida um desafio
E se cai, nunca se perdem
Os seus sonhos esparramados
Adubam a vida, multiplicam
São motivos de viagem
(Conceição Evaristo,
Cadernos Negros, 15, p. 21)

Ao meu pai, que partiu durante a jornada da escrita desta dissertação e
está agora olhando por mim ao lado de Deus.

Às mulheres negras cujos destinos foram marcados pelas
desigualdades raciais, sociais e de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Unioeste, universidade pública e gratuita, que possibilitou a minha formação em duas graduações e agora na pós-graduação a nível de Mestrado.

À minha família que me apoiou incondicionalmente nesse período de formação e têm sido fonte de inspiração e força em todos os momentos de minha vida, em especial minha mãe e meu filho.

Gratidão à Profa. Valdeci Batista de Melo Oliveira, pela orientação e apoio ao longo da produção desta dissertação, e por compartilhar seu conhecimento de forma inspiradora.

Às colegas Dalila e Rosely, pela parceria, troca de informações e apoio acadêmico e emocional, fundamental neste período de formação e agravado pela pandemia da Covid-19.

A todos os docentes do Programa de pós-graduação em Letras da Unioeste, que contribuíram com a minha formação acadêmica e com a realização desta pesquisa.

Agradecimentos especiais aos membros das bancas de avaliação: seminário de dissertação, exame de qualificação e banca de defesa, pelas importantes contribuições para este estudo.

Gratidão, também, aos meus alunos e alunas pela oportunidade de continuar aprendendo, por estar sempre presentes e alegrar os meus dias. E por poder contribuir de alguma forma com a dádiva maior de ser professora.

NUNES, Kelly Cristiane. **A voz da resistência negra na poesia lírica de Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro.** 2022. XX f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Orientadora: Profa. Dra Valdeci Batista de Melo Oliveira.

Defesa: 12 de agosto de 2022.

RESUMO

A pesquisa apresentada desenvolve uma análise interpretativa e comparativa sobre a poesia lírica afro-brasileira composta por três mulheres negras poetisas: Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro. Elas, assim como outras, fazem da lírica uma arma de resistência contra o racismo presente na sociedade brasileira. Além do racismo, somam-se entre as suas mazelas: a desigualdade social, a misoginia e o machismo. Essas mulheres negras lutam contra todas essas formas de opressão em sua poesia. A hipótese que norteia esta pesquisa é como a palavra dessas mulheres contribui para a libertação, tanto étnica, de gênero e de classe, e o objetivo geral é demonstrar como a resistência negra está presente na poesia lírica, comparando as vozes dessas três poetisas afro-brasileiras como forma de dar voz e reconhecer a importância da literatura produzida por mulheres negras. Na perspectiva de alcançar o objetivo proposto, sustentamos a pesquisa nos pressupostos teóricos da literatura comparada com Bosi (1977; 2002) e Coutinho (2016) e da teoria lírica, nos pautamos em Adorno (2003), Goldstein (1989) e Cara (1985), e também nos estudos que tratam da resistência e do racismo estrutural com Almeida (2021), Munanga (2003) e Djamila Ribeiro (2018) entre outros. Nós observamos que a literatura afro-brasileira de autoria feminina estabelece reflexões a partir da experiência de um sujeito atravessado pelas identidades de ser mulher e de ser negra na sociedade brasileira e apresenta resistência em sua poética. Concluímos que o trabalho realizado pelas autoras destacadas apresenta uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra disposto em versos que demonstram a força e a resistência como atos políticos de denúncia e luta contra séculos de discriminação contra a população negra no Brasil. Espera-se que este estudo traga contribuições para a área da literatura comparada e, ainda, forneça subsídios teóricos para a abordagem da resistência na poesia lírica.

PALAVRAS-CHAVE: poesia negra; vozes femininas; resistência.

ABSTRACT

The research presented develops an interpretative and comparative analysis of Afro-Brazilian lyric poetry composed by three black women poets: Alzira Rufino, Beatriz Nascimento and Esmeralda Ribeiro. They, like others, turn the lyrics into a weapon of resistance against the racism present in Brazilian society. In addition to racism, there are also among their ills: social inequality, misogyny and sexism. These black women fight against all these forms of oppression in their poetry. The hypothesis that guides this research is how the words of these women contribute to their freedom, about ethnic, gender and class, and the general objective is to demonstrate how black resistance is present in lyrical poetry by comparing the voices of these three Afro-Brazilian poets as way of giving voice and recognizing the importance of literature produced by black women. In order to achieve the proposed objective, we support the research on the theoretical assumptions of comparative literature with Bosi (1977) and (2002) and Coutinho (2016) and lyrical theory, we are guided by Adorno (2003), Goldstein (1989) and Cara (1985), and also on studies dealing with resistance and structural racism with Almeida (2021), Munanga (2003) and Djamila Ribeiro (2018). We observed that Afro-Brazilian literature by female authors establishes reflections from the experience of a subject crossed by the identities of being a woman and being black in Brazilian society and presents resistance in their poetics. We conclude that the poetic work carried out by these poets presents a unique historical perspective, which starts from the look of black women arranged in verses that demonstrate the strength and resistance as political acts of denunciation and fight against centuries of discrimination against the black people in Brazil. We hope this study brings contributions to the field of comparative literature and also provides theoretical support for approaching resistance in lyrical poetry.

KEYWORDS: black poetry; women's voices; resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA POESIA LÍRICA.....	17
1.1 DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL AO CONCEITO DE RACISMO ESTRUTURAL.....	17
1.2 OS NEGROS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	28
1.3 A RESISTÊNCIA E A POESIA LÍRICA.....	37
2 ENTRELAÇAMENTOS SOBRE RESISTIR.....	46
2.1 ALZIRA RUFINO: RESISTO.....	47
2.2 BEATRIZ NASCIMENTO: SONHO.....	53
2.3 ESMERALDA RIBEIRO: OLHAR NEGRO.....	60
2.4 ESTUDO COMPARADO DOS POEMAS.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	77

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Alzira Rufino.....	47
Figura 02 – Beatriz Nascimento.....	53
Figura 03 – Esmeralda Ribeiro.....	60

INTRODUÇÃO

Se poemas fossem capazes de mudar o mundo, não seriam poemas, mas máquinas. Sua força está em sua incapacidade, seu movimento instantâneo de dúvida, um deslocamento da pálpebra, uma ausência despercebida que vem se instalar na alma de forma mais duradoura. Os vencedores sabem disso e por isso nos odeiam e nos temem, porque conhecem o perigo dos mínimos deslocamentos. (NOEMI JAFFE)

Pretendemos estabelecer por meio desta pesquisa um estudo sobre a literatura de resistência negra na escrita lírica de três poetisas negras brasileiras: Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro. As autoras, reconhecidamente, são referenciadas tanto pela cultura acadêmica e étnica, quanto pela luta empreendida para a superação das desigualdades raciais decorrentes do racismo estrutural resultante de mais de 350 anos de escravidão brasileira.

Uma característica marcante da literatura afro-brasileira é o fato de que o escritor/a se faz porta voz e transforma a sua voz individual em voz coletiva, com a intenção de potencializá-la e lhe ampliar a capacidade de sua audição. Ela busca apropriar-se das memórias do passado, durante o período da escravidão e das condições opressivas vividas pelos negros após a abolição da escravatura, como forma de conscientização e luta contra os preconceitos do presente. Assim, visualizamos uma oportunidade de pesquisar a resistência presente no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes silenciadas por uma sociedade branca e machista.

Nesta pesquisa pretendemos analisar e interpretar os poemas selecionados para além de uma análise de suas poéticas artístico-estéticas, propondo uma leitura a partir da perspectiva da história não oficial divulgada nos livros, sejam eles didáticos ou não, em que os negros estão inseridos dentro de uma visão estereotipada, à medida que é esta a história não oficial que as poetisas trazem, em seus versos, descortinado nela outra versão da história, a escondida e marginalizada. O trabalho minucioso feito por essas poetisas é como uma nova versão da história, pois elas trazem os sentimentos vividos e aqueles que não podiam ser sentidos.

As poetisas escolhidas para a presente pesquisa fazem da escrita literária e, nesse caso, da poesia lírica, uma expressão de resistência. Desde Baudelaire, a poesia lírica passou a ser voz de resistência, como proposto por Adorno (2003) na famosa “Palestra sobre lírica e sociedade”, tornando-se uma forma de expressar a resistência afirmando e defendendo os ideais libertários e humanistas, perante a “vida danificada” do mundo administrado¹. A poética lírica

¹ ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

negra revela-se em poemas em que o sujeito negro se levanta como tema principal e cabe a ele gritar revoltas e descontentamentos contra a opressão vivida pelos negros brasileiros, quer no passado, quer no presente.

Na condição de poetas negras, essas mulheres valorizam a identidade negra, em especial a feminina, forçada a arcar com os custos da construção desse país e a ser o outro do outro, como afirma Grada Kilomba, “por ser essa dupla antítese de branquitude e masculinidade. Alguém que não é pensada a partir de si mesma, mas por meio do olhar masculino e branco” (DJAMILA RIBEIRO, 2020, p. 138). Se juntam a essas poetas muitas outras, que não foram esquecidas, mas impossíveis de serem abordadas no espaço dessa pesquisa. Entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia negro-brasileira, escolhemos as três já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências.

Por muito tempo, aos homens brancos pertencia a palavra, competia a eles descrever e definir o mundo. O cânone literário deriva-se dessa hegemonia masculina e branca que dominou todas as áreas da cultura, marginalizando os discursos pertencentes a outras identidades. Nas décadas recentes, teóricos e leitores começaram a perceber que precisamos de novas perspectivas, de outras formas de viver e escrever. É preciso ler mulheres negras, conhecer as suas lutas e obras, e a partir de então combater o silenciamento e o seu apagamento histórico.

Nos tempos atuais, pensar em todas as formas de resistirmos ao arbítrio é quase uma obrigação, apesar de saber que o caminho a ser percorrido é longo. Entretanto, há uma história verdadeira de engajamento por parte de escritoras negras, no Brasil e em outros países das Américas e da África. Elas desafiam o lugar imposto a si, e a sua poesia traz mensagens poéticas firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito e a oportunidade à arte e ao letramento, à emancipação social, cultural e econômica.

Essas mulheres escritoras, autoras de prosa, de ficção, de outros gêneros e de poesia lírica, mas poesia da libertação, que para encontrar seu espaço, ele precisa ser criado por meio da denúncia, da revolta, fazendo da palavra uma arma capaz de se desprender das prisões materiais e simbólicas que subjagam a etnia negra por tantos séculos.

A hipótese que norteia esta pesquisa é como a palavra dessas mulheres, por meio do eu-lírico, contribui para a libertação, tanto étnica, de gênero e de classe, e, se não contribui para a libertação, ao menos, essa resistência faz com que elas não caiam mais, na luta contra o sistema que subjaga as mulheres negras aos piores lugares e posições possíveis na sociedade.

Esta pesquisa se justifica a fim de reafirmar a importância da produção literária de autoria feminina afro-brasileira, que durante muito tempo, foi excluída do universo e do cânone artístico-literário brasileiro, embora ressaltamos que na atualidade já exista um movimento na literatura em prol desse protagonismo feminino, entretanto ainda tímido se compararmos com o tempo de exclusão. Um exemplo desse movimento é o que se deu a partir da década de 70, com o surgimento dos Cadernos Negros, publicação anual e coletiva de textos literários afro-brasileiros.

De uma forma mais individual, eu, mulher, descendente de negros e indígenas, de pele clara, tenho plena consciência de que não passei nem uma parte das dificuldades enfrentadas por estas mulheres poetas. Porém, eu me solidarizo com a sua causa e com a de todas as mulheres negras que vieram antes de mim, e gostaria de que por meio das minhas palavras eu possa colaborar, seja entrando nessa discussão, seja ajudando a desconstruir os discursos conservadores de imagens discriminatórias e reavendo novas formas de representações, ou simplesmente, ajudando a divulgar o trabalho dessas autoras. Além disso, assumir um posicionamento na luta antirracista aparenta ser a escolha natural para qualquer profissional da educação que esteja consciente da opressão existente em uma sociedade tão desigual como a nossa.

Percebemos, nos últimos anos, um aumento no número de trabalhos acadêmicos comprometidos em reescrever a história da população negra no país. Enquanto processo histórico, entendemos que essa nova fase da historiografia nacional não ocorreu de forma casual. Atribuímos esse interesse da Academia pelo aumento do contingente de negros e pardos na universidade, de acordo com a divulgação:

A partir dos dados do IBGE, feito pelo site Quero Bolsa, informa que – entre 2010 e 2019 – o número de alunos negros no ensino superior cresceu quase 400%. Os negros chegaram a 38,15% do total de matriculados, percentual ainda abaixo de sua representatividade no conjunto da população – 56%. (AGÊNCIA BRASIL, 2020, s. p.)

A melhoria dos índices educacionais dessa parcela da população na rede de ensino é, em parte, reflexo de políticas públicas, como o sistema de cotas, que proporcionaram o acesso e permanências da população negra e parda, segundo o IBGE. A Lei Federal de Cotas, sancionada em 2016, definiu que metade das matrículas nas universidades e institutos federais deveriam atender a critérios de cotas raciais.

E, atribuímos também ao Movimento Negro, que por meio de suas lutas e reivindicações exigiram o registro da trajetória deste contingente populacional como sujeitos histórico-sociais,

vivos e participativos na construção da sociedade brasileira. No entanto, as ações do Movimento Negro não foram suficientes para que estas histórias deixassem de ser escritas no masculino, portanto ainda há lugar para falar da literatura produzida por mulheres negras. Ao consultar por amostragem quatro bancos de dissertações e teses, bem como o portal de periódicos da CAPES na última década de 2010 a 2020, incluindo o Programa de pós-graduação em Letras da Unioeste, encontramos cinco pesquisas, uma tese e quatro dissertações, que analisam obras de autoras negras com o viés da resistência, são elas:

- **Tese de doutorado de Norma Hamilton** – de 2018, da Universidade de Brasília com o tema: *Rompendo o ciclo da violência: vozes femininas da literatura contemporânea afrodescendente anglófona*. A autora analisa a representação da violência física e simbólica contra mulheres negras em narrativas produzidas por escritoras afrodescendentes anglófonas, mais especificamente, a afro-estadunidense Toni Morrison, e sobretudo, as afro-caribenhas MerleHodge, Jamaica Kincaid e ErnaBrodber.
- **Dissertação de mestrado de Camila Silva** - de 2018 da Universidade Estadual da Paraíba, com o tema: *Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves: uma escrita de resistência: entrelaçamentos entre metaficção historiográfica, memória e religiosidade*. Em que a autora analisa o romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, pelas trilhas da metaficção historiográfica, religiosidade e escrita de autoria feminina negra e pelos rastros de memória dos povos da diáspora africana.
- **Dissertação de mestrado de Roberta Barbosa** – de 2019, também da Universidade Estadual da Paraíba, com o tema: *Conceição Evaristo e a escrevivência: narrar a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea*. Este trabalho aborda a produção literária de Conceição Evaristo, escritora brasileira, em razão da ascensão dos “ex-cêntricos” (HUTCHEON, 1991) ao campo da literatura e o reconhecimento das capacidades subjetivas e artísticas destes operadas em sua escrita e objetiva compreender como a escrevivência semiotiza os muitos periféricos/pobres que protagonizam momentos de insubalternidade e sororidade na literatura brasileira.
- **Dissertação de mestrado de Tássia Nascimento** – de 2010 da Universidade Estadual de Londrina – UEL, com o tema *Vozes afro-femininas: a construção de novos chãos simbólicos*. Este estudo teve como objetivo observar a poética afro-feminina e localizar a expressão da singularidade histórica e cultural de mulheres duplamente subjugadas por uma sociedade etno e falocêntrica. A partir dessa constatação, a literatura afro-feminina passa a ser verificada como ferramenta que pretende desconstruir a imagem estigmatizada estabelecida para a mulher negra

fazendo uso da palavra. São citadas nesse trabalho dentre outras autoras: Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Carolina Maria de Jesus e Geni Guimarães.

- **Dissertação de Keila de Paula Fernandes de Quadros** – de 2019, da Universidade Federal do Pará com o tema: *Memória e identidade afrodescendente: a construção simbólico-poética negra no quilombo de tipitinga em Santa-Luzia do Pará – PA*. Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma análise de duas poesias escritas por Rozalvo Ramos Farias, poeta quilombola da comunidade de Tipitinga, no município de Santa Luzia do Pará - PA. A produção feita por Rozalvo Farias traz um conteúdo exatamente inverso da maioria das obras literárias produzidas que mostram o negro apenas como sujeito inferiorizado etnicamente, a escrita do poeta pesquisado vem contra o discurso de silenciamento do negro na história geral.

Temos consciência de que há um longo caminho a percorrer até que o racismo estrutural deixe de ser a forma de organização da vida social e política do Brasil, assim como a desigualdade social. Sendo assim, nosso objetivo geral é demonstrar como a resistência negra está presente na poesia lírica comparando as vozes de três poetisas afro-brasileiras como forma de dar voz e reconhecer a importância da literatura produzida por mulheres negras. Os objetivos específicos são:

- a) analisar os poemas escolhidos nos níveis gráfico-visual-sonoro, lexical, sintático e semântico, e, além disso, a sua linguagem poética;
- b) verificar como a resistência se faz presente nos poemas em análise e refletir como as palavras das poetisas podem contribuir na luta para a superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero;
- c) contribuir com a difusão ao reconhecer a importância da escrita feminina-negra no cenário literário brasileiro, demonstrando o impacto sociocultural e a relevância dessa escrita como um instrumento de denúncia do racismo estrutural brasileiro.

Os principais preceitos teóricos serão buscados no campo dos estudos literários e nos estudos da teoria lírica e literários comparados, por meio de uma pesquisa descritiva, qualitativa e interpretativa. A abordagem teórica a ser adotada será a pesquisa básica e bibliográfica. Iremos nos pautar nos estudos da Literatura Comparada, expostos, entre outros, por Bosi (1977; 2002), Coutinho (2016) e Tania Carvalhal² (2006); postos em prática no espaço histórico, social, cultural e geográfico e acerca da teoria lírica, Adorno (2003), Salette Cara (1989) e Nilce Martins (2000). E ao que tange ao racismo, a literatura negra, literatura feminina e resistência contamos, principalmente, com os estudos de Proença Filho (2004), Almeida (2021), Djamila

² Optamos por grafar o nome completo das autoras mulheres e assim identificá-las mais facilmente quando referenciadas, de forma a dar mais visibilidade para a autoria feminina.

Ribeiro (2018), Zilá Bernd (1988 e 1992), Conceição Evaristo (2007 e 2009), Lélia Gonzalez (1984), Chalhoub (1990) e Angela Davis (2013).

O método de abordagem escolhido para a condução é o comparatista, desta forma, o processo de análise e de interpretação dos poemas será fundamental para a construção desta pesquisa. Disso resulta que a proposta de abordagem comparatista irá desenvolver aproximações e distanciamentos entre as obras estudadas, considerando suas poéticas e as temáticas.

O corpus escolhido para análise e estudo comparativo é composto pelos poemas “Resisto” (1988) de Alzira Rufino, “Sonho” (1989) de Beatriz Nascimento e “Olhar negro” (1998) de Esmeralda Ribeiro. Os três poemas demonstram que a poesia lírica pode ser uma expressão de resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas da etnia afro-brasileira.

Este trabalho contará com duas seções, a primeira traz um aporte teórico sobre a trajetória de resistência da mulher negra na poesia lírica, pelo racismo, um breve histórico do negro na literatura brasileira e a resistência na literatura e na lírica.

A segunda seção traz as análises dos poemas e apresenta a comparação e o entrecruzamento entre as obras, como identificamos a resistência e reflexões de como as palavras das poetisas podem contribuir para a superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero.

1. ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA POESIA LÍRICA

1.1 DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL AO CONCEITO DE RACISMO ESTRUTURAL

A escravidão no Brasil foi um evento desumano e cruel que ocorreu por mais de 300 anos e foi responsável pela escravização de milhares de indígenas e africanos. A escravidão foi estabelecida no Brasil em meados da década de 1530, quando os portugueses começaram a implementar a colonização. Essa escravização ocorreu, no início com os nativos indígenas, e posteriormente, entre os séculos XVI e XVII, foi sendo substituída por africanos escravizados que chegavam ao Brasil pelo tráfico negreiro.

Apesar de todo sofrimento e subjugação, os escravizados não aceitavam essa condição de forma passiva. A história foi marcada por diversas formas de resistência que incluíam a recusa em trabalhar, a execução do trabalho de maneira inadequada, as revoltas, as fugas, a formação de quilombos etc.

A resistência à escravidão, conforme o historiador João José Reis (2018), não visava apenas acabar com o regime de escravidão, mas, no dia a dia dos escravizados, poderia ser utilizada como um instrumento de barganha. Essas revoltas buscavam, muitas vezes, corrigir excessos de tirania dos senhores, diminuir o nível de opressão ou punir feitores muito cruéis.

As fugas foram uma estratégia de resistência bastante comum nas décadas de 1870 e 1880, por causa do fortalecimento do movimento abolicionista. O historiador Walter Fraga (2014) pontua que, na década de 1870, as fugas foram intensificadas com o objetivo de mobilizar as autoridades para mediar conflitos com seus senhores. Fraga ainda afirma que nessas fugas os escravos recorriam às autoridades policiais para pedir proteção nas disputas judiciais, interditar a venda de parentes, mediar conflitos com os senhores e denunciar maus-tratos. Muitos procuravam alcançar grandes quilombos estabelecidos e outros procuravam se instalar em cidades grandes, como Salvador, e passavam-se por libertos.

A formação de Quilombos foi uma maneira de resistir à escravidão. Segundo Keila de Quadros (2019), foi como um grito de liberdade dado pelos invisibilizados e marginalizados enquanto sujeitos sociais que se organizavam e lutavam contra o sistema de escravidão. Para os colonizadores, os quilombos eram agrupamentos que reuniam escravos fugidos, mas eram muito mais que isso. Eram um espaço de acolhimento aos demais escravos que ainda se encontravam sob as ordens escravistas, isto é, um espaço de construção social contra as forças

da escravidão. Os quilombos mantinham relações comerciais importantes com outros quilombos e com pessoas livres.

Keila de Quadros (2019), por meio de sua pesquisa, descreve que existiam quilombos que sobreviviam do que era cultivado e do que era retirado das matas, enquanto outros optavam por sobreviver de assaltos e ataques contra a população livre em estradas ou realizando ataque contra engenhos. Os quilombos desenvolviam-se em locais isolados e de difícil acesso, e grande parte dos membros de um quilombo eram escravos fugidos de uma mesma região ou de um mesmo senhor, e organizavam-se pela luta pela liberdade. Os quilombos geravam grande temor nas autoridades coloniais e, por isso, foram duramente reprimidos.

Além dessas formas de resistência mencionadas, também havia suicídios, abortos e a desobediência. Referente a este último, Fraga (2014) aborda alguns casos ocorridos no final do século XIX, em um deles, no Engenho de São Bento de Inhatá, na Bahia, os escravos se revoltaram contra o feitor depois dele exigir que trabalhassem no domingo, considerado o dia do descanso, no meio da confusão, um dos escravos e o feitor morreram. Solano Trindade nos apresenta no poema “Sou negro”, publicado em *O poeta do povo*, em 2008, como os seus avós escravizados combateram a escravidão:

Sou negro

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou
como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.
(TRINDADE, 2008, p. 48)

No poema citado, Trindade demonstra a luta de seus avós e a herança deixada por eles: “o samba/ o batuque/ o bamboleio/ e o desejo de libertação”. Ele afirma no início do poema: “sou negro” com orgulho e com “desejo de libertação” e ao longo do poema demonstra como seus avós resistiram a escravidão, não foi fácil, trabalharam arduamente e se rebelaram quando conseguiram, e ele assim leva consigo sua herança homenageando seus antepassados. O autor nascido em 1908 em Recife – PE, não muito tempo após a libertação dos escravos, viveu em um período de grandes dificuldades para os negros que buscavam inclusão social.

A poesia de Solano Trindade é uma referência na formação da poesia afro-brasileira e segundo Zilá Bernd (1992) a produção desse poeta, numa busca de identidade, não é apenas individual ou nacional, é solidária com todos os negros da América.

O Brasil foi o último país do continente americano a abolir a escravidão, e isso aconteceu por meio da Lei Áurea, aprovada pelo Senado e assinada pela regente do Brasil, a princesa Isabel em 13 de maio de 1888. O movimento abolicionista ganhou força no país a partir da década de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai, mas a abolição já era debatida, mesmo que de forma discreta, desde a independência em 1922, e teve como ponto de partida o decreto da Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico negreiro, em 1850.

Os escravos também tiveram um papel importante na desestabilização da escravidão no Brasil ao realizar muitas das ações já descritas anteriormente, como fugas em massa, organizando revoltas e formando os quilombos. A abolição do trabalho escravo foi celebrada por grande parte da população brasileira. Os escravos libertos, porém, continuaram a sofrer com o preconceito e com a falta de oportunidades. De acordo com Chalhoub (1990), “a questão social: afinal, eram agora necessárias políticas públicas no sentido de viabilizar ao negro liberto a obtenção de condições de moradia, alimentação e instrução, todos assuntos percebidos anteriormente como parte das atribuições dos senhores.” (CHALHOUB, 1990, p. 26)

Mesmo após passar mais de 130 anos da abolição da escravatura, suas consequências ainda são perceptíveis nos dias de hoje. A pobreza, a discriminação racial e a violência que atinge os negros no Brasil refletem que esse grupo foi deixado à margem da sociedade. Para

Ribeiro (1995), “A luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi – e ainda é – a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional.” Um exemplo disso é o caso do estudante Marcos Vinícius da Silva, 14 anos, o jovem negro que foi assassinado em 2018 no Rio de Janeiro por uma operação da polícia local, lembrado por Lubi Prates no poema “Para este país”, publicado em *Um Corpo Negro* em 2018:

Para este país

para este país
eu traria
os documentos que me tornam gente
os documentos que comprovam: eu existo
parece bobagem, mas aqui
eu ainda não tenho esta certeza: existo.
para este país
eu traria
meu diploma os livros que eu li
minha caixa de fotografias
meus aparelhos eletrônicos
minhas melhores calcinhas
para este país
eu traria
meu corpo
para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas
não me permitiram malas
: o espaço era pequeno demais
aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se
com o peso que tem uma vida.
para este país
eu trouxe
a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua
para este país
eu trouxe
meus orixás
sobre a minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes
para este país
eu trouxe todas essas coisas
& mais
: ninguém notou,
mas minha bagagem pesa tanto.

Ele não me viu com a roupa da escola, mãe?

Marcos Vinicius da Silva, 14 anos,
 assassinado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro

e ainda que
 eu trouxesse
 para este país
 meus documentos
 meu diploma
 todos os livros que li
 meus aparelhos eletrônicos ou
 minhas melhores calcinhas
 só veriam
 meu corpo
 um corpo
 negro.
 (PRATES, 2018)

O poema, além de trazer a denúncia de um ato violento e desumano, nos revela os sentimentos de uma pessoa negra acerca desse tipo de abordagem preconceituosa em que não se vê um indivíduo e sua história de vida, se vê apenas um corpo negro. E desta forma, o poema retoma os mais de 300 anos de escravidão, quando os negros eram trazidos forçosamente de países africanos, deixando seus sonhos, suas posses, suas vidas para trás. E nessa reflexão, o eu-lírico conclui que apesar de trazer os seus pertences, sua cultura, seu intelecto, seu idioma, sua ancestralidade, apesar de tudo isso, só veriam um corpo negro.

No nosso país reside um sistema em que são gritantes as diferenças raciais, em que pretos e pardos foram 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019, segundo o G1(2020). Em contrapartida, entre 2010 e 2019, o número de alunos negros no ensino superior chegou a 38,15% do total de matriculados, o que representa um aumento em relação aos anos anteriores, porém o percentual é ainda abaixo de sua representatividade no conjunto da população brasileira, de 56% (Agência Brasil, 2020).

No poema de Lubi Prates (2018), o eu-lírico tenta resgatar os itens que teoricamente caracterizam um indivíduo como ser humano, com os seus direitos – seus documentos, seu diploma, seus livros, seus aparelhos eletrônicos, suas fotografias – mas, os negros ao serem trazidos para a escravidão foram completamente subjugados, como meras mercadorias e, mesmo assim, ainda trouxeram traços de sua cultura: sua aparência, seu idioma, sua religião, sua culinária. Porque, apesar de tentarem tirar-lhes tudo, eles ainda resistem, com uma força imensurável, como diz Maya Angelou em suas linhas poéticas:

*You may shoot me with your words,
 You may cut me with your eyes,
 You may kill me with your hatefulness,*

*But still, like air, I'll rise.*³
(ANGELOU, 1994)

Angelou reafirma a força e a superação da vertente afro, que apesar de todo o ódio direcionado a eles, ainda assim, erguem-se e seguem adiante. Maya Angelou (1928- 2014) foi uma escritora norte-americana que, embora haja diferenças nos conflitos raciais lá e aqui, teve uma vida de provações por ter sido uma mulher negra, mas conseguiu superar as dificuldades e deixou um legado riquíssimo para o mundo.

Desde o princípio da formação do Brasil, os negros foram considerados apenas úteis ao modo de produção em que foram inseridos, como mercadoria e mão de obra, compondo o chão da base da pirâmide social ao longo da história do país. A pessoa escravizada constituía o elemento central da colônia, mas marginalizado nas relações sociais, ultrapassando os limites do esforço físico e sem educação formal, sem condições de usufruir de uma condição de vida humana, tanto assim que se considerava o negro como coisa, conforme afirma o historiador Perdigão Malheiro em “Visões da liberdade”, de Sidney Chalhoub:

Todos os direitos lhes eram negados. Todos os sentimentos, ainda os de família. Eram reduzidos à condição de *coisa*, como os irracionais, aos quais eram equiparados, salvo certas exceções. Eram até denominados, mesmo oficialmente, *peças*, *fôlegos vivos*, que se mandavam marcar com ferro quente ou por *castigo*, ou ainda por *sinal* como o gado. Sem consideração alguma na sociedade, perde o escravo até a consciência da dignidade humana, e acaba quase por acreditar que ele não é realmente uma criatura igual aos demais homens livres, que é pouco mais do que um irracional. E procede em conformidade desta errada crença, filha necessária da mesma escravidão. (CHALHOUB, 1990, p. 36, grifos do autor)

De acordo com Carina Lima (2009), a humilhação e a depreciação da cultura de um povo também é um instrumento eficiente de sua dominação. No Brasil, esses recursos foram bastante utilizados. A depreciação das características físicas, sociais e intelectuais dos afrodescendentes impunha uma suposta inferioridade do negro em relação ao branco, que perdura até a atualidade, como estratégia de apagamento da cultura africana. Segundo a autora, como toda manifestação cultural, especialmente aquelas cujas bases de transmissão são orais, a cultura trazida da África pelos negros escravizados passou por vários processos de ressignificação, mesclou-se a outras influências culturais, transformou-se e sobreviveu. Mas,

³ Você pode atirar em mim com suas palavras
Você pode me cortar com seu olhar,
Você pode me matar com todo o seu ódio,
Mesmo assim, como o ar, eu me levanto. (Tradução nossa)

essa estratégia de dominação deixou consequências nas relações sociais do país, que ainda hoje são muito visíveis nas várias formas de preconceito.

Bersani (2018) destaca que a discriminação racial constituiu estratégia apropriada pela classe dominante, apesar de não se admitir de forma explícita o racismo atrelado às instituições. Com essa proposição, o autor faz parte do rol de autores que afirmam existir no Brasil um racismo estrutural enraizado nos valores, na cultura, e de Estado, embora seja por elas sustentado:

O modo escravista retirou dos negros a sua ancestralidade, violentando toda uma população e subjugando-a aos interesses inerentes àquele modo de produção [...] mediante o esfacelamento das referências que trazia consigo em todas as dimensões, tais como a família, o território, a personalidade, o idioma, a religião e todo estigma criado em torno das práticas dela constantes, entre outras. (BERSANI, 2018, p. 184)

O excerto acima é pródigo em expor as políticas escravocratas, mas a etnia negra é forte e apesar de todo sofrimento que a escravidão lhe impôs, conseguiu resistir e não ser dizimada. De acordo com Munanga (2003), o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde algo não proclamado: a relação de poder e de dominação. Segundo o autor:

Estamos entrando no terceiro milênio carregando o saldo negativo de um racismo elaborado no fim dos séculos XVIII aos meados do século XIX. A consciência política reivindicativa das vítimas do racismo nas sociedades contemporâneas está cada vez mais crescente, o que comprova que as práticas racistas ainda não recuaram. Estamos também entrando no novo milênio com a nova forma de racismo: o racismo construído com base nas diferenças culturais e identitárias. [...] Se por um lado, os movimentos negros exigem o reconhecimento público de sua identidade para a construção de uma nova imagem positiva que possa lhe devolver, entre outro, a sua autoestima rasgada pela alienação racial, os partidos e movimentos de extrema direita na Europa, reivindicam o mesmo respeito à cultura “ocidental” local como pretexto para viver separados dos imigrantes árabes, africanos e outros dos países não ocidentais. (MUNANGA, 2003, *s.p*)

No trecho acima, autor descreve bem as relações inter-raciais do final do século XX e início do século XXI, quase 20 anos se passaram e percebemos que não houve uma grande evolução desde então. Podemos considerar o racismo como a atribuição de uma relação direta entre características biológicas e qualidades morais, intelectuais ou comportamentais, resultando sempre em uma hierarquização que pressupõe a existência de raças humanas

superiores e inferiores. Na história, discursos racistas são efetuados para legitimar relações de dominação, naturalizando desigualdades e justificando atrocidades e genocídios.

O Brasil é um país caracterizado pelo racismo como sistema, uma forma de organização social que privilegia um grupo em detrimento de outro. O genocídio dos povos indígenas e o sequestro, escravização e desumanização dos africanos, e seus descendentes nascidos aqui, ocupam boa parte da história do país e deixaram consequências profundas tanto na forma coletiva de pensar, quanto nas condições sociais dos descendentes desses povos.

Apesar de negros e pardos constituírem a maioria da população, sua presença é minoritária nas classes sociais mais prósperas, nos espaços acadêmicos, nos cargos de liderança e nas profissões mais bem remuneradas. No entanto, por outro lado a população negra se destaca, constituindo-se como maioria entre as vítimas fatais da violência policial. A perversidade do racismo brasileiro foi suavizada durante anos por meio da ideia de “democracia racial⁴”. Esse mito, fez com que o país protelasse a adoção de medidas de reparação e de combate ativo a ideologia racista tal como a adoção de uma perspectiva multiculturalista no seu sistema educacional.

Conforme Almeida (2021), o racismo é “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial a que pertencem”. (ALMEIDA, 2021, p. 32) O autor divide o racismo em três concepções: individualista, institucional e estrutural.

A concepção individualista é concebida como se não houvesse sociedades ou instituições racistas, mas sim indivíduos racistas, que atuam de forma isolada ou em grupo. Essa aceção admite mais o termo “preconceito”, podendo até não admitir a existência de “racismo” propriamente dito.

Beatriz Nascimento, uma das autoras escolhidas para este estudo, afirma que já passou por diversas situações de racismo:

⁴ A democracia racial é um termo usado por algumas pessoas para descrever relações raciais no Brasil. O termo denota a crença de alguns estudiosos que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial. Estudiosos afirmam que os brasileiros não veem uns aos outros através da lente da raça e não abrigam o preconceito racial em relação um ao outro. Por isso, enquanto a mobilidade social dos brasileiros pode ser limitada por vários fatores, gênero e classe incluído, a discriminação racial é considerada irrelevante (dentro dos limites do conceito da democracia racial). O conceito foi apresentado inicialmente pelo sociólogo Gilberto Freyre, na sua obra *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Embora Freyre jamais tenha usado este termo nesse seu trabalho, ele passou a adotá-lo em publicações posteriores, e suas teorias abriram o caminho para outros estudiosos popularizarem a ideia. (INFOESCOLA, <https://www.infoescola.com/sociologia/democracia-racial/> acesso em 12/02/2022)

Um outro exemplo de racismo estrutural recente, foi a morte da empregada doméstica, de 63 anos, no Rio de Janeiro, a primeira vítima da Covid-19 no estado, que trabalhava em um apartamento no Alto Leblon, bairro de classe alta no Rio. Mesmo ela fazendo parte do grupo de risco, foi negado a ela o direito de ficar em casa durante a quarentena. A patroa que tinha chegado da Europa se contaminou e sobreviveu, a doméstica não.

A pandemia da Covid-19 expôs o racismo estrutural no Brasil, em que os maiores afetados foram as pessoas em situação de maior vulnerabilidade social: a população negra, indígena e a classe trabalhadora, como o menino de Pernambuco e a doméstica do Rio de Janeiro. Um estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio, confirma que pretos e pardos morreram mais de Covid-19 do que brancos no país. O grupo analisou a variação da taxa de letalidade da doença no Brasil, conforme as variáveis demográficas e socioeconômicas da população. Considerando esses casos⁶, segundo a BBC (2020), quase 55% de pretos e pardos morreram, enquanto, entre pessoas brancas, essa porcentagem ficou em 38%. O número de mortes foi maior entre pessoas negras do que entre brancas em todas as faixas etárias e também comparando todos os níveis de escolaridade.

Não é possível, portanto, dissociar o estudo do racismo estrutural da análise da sociedade brasileira, porque tais elementos estão atrelados à vida social brasileira, dessa forma, Bersani (2018) afirma que o racismo está presente nas estruturas de opressão, não apenas do próprio Estado, mas também de todas as relações constituídas a partir da ideologia socioeconômica que teve como fundamento o escravismo colonial e segue reproduzindo os mesmos mecanismos de exclusão e marginalização. Conforme Almeida (2021):

Em resumo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2021, p. 50)

Para Munanga (2003), o racismo é cotidiano na sociedade brasileira, um racismo diferente do praticado na África do Sul durante o regime do *apartheid*⁷, diferente também do racismo nos EUA, principalmente no Sul. Isso porque o racismo no Brasil é velado, e isso não quer dizer que faça menos vítimas do que aquele que é aberto, pois todas as formas de racismo fazem vítimas de qualquer maneira. A essas vozes acrescentem-se as considerações de Djamila

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>

⁷ O *apartheid* foi um sistema de segregação racial instituído na África do Sul em 1948 pelas elites brancas que controlavam o país e sustentava-se no mito da superioridade racial europeia. Baseando-se na crença de que os brancos europeus eram superiores aos negros e outras etnias, os brancos acreditavam que deveriam viver separados. (POLITIZE, 2018)

Ribeiro ao dizer que “Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele.” (RIBEIRO, 2018, p. 39)

Ao olhar para o racismo como componente estrutural da sociedade brasileira, podemos ampliar o horizonte de abordagem e de enfrentamento, de modo a revelar as raízes históricas. Estas que estabeleceram a consolidação de um elemento de exclusão social enraizado no país e encontrado nas mais diversas práticas e relações estabelecidas na vida social no Brasil, sejam elas sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outras, e o que nos interessa aqui, na literatura. Faz-se importante ressaltar que:

Os atuais índices de desigualdade, discriminação e exclusão tornam nítida a contínua e teimosa invisibilidade dessas gerações. A abolição ocorreu "ontem", se pensarmos em termos geracionais. No entanto, com os associativismos e a imprensa negra de inícios do XX, com o crescimento dos movimentos contra o racismo, e com a retomada de uma produção acadêmica robusta - voltada para o período da escravidão e do pós-emancipação - e das políticas públicas mais contemporâneas, tal quadro indica novas - embora ainda morosas – mudanças. (SCHWARCZ; GOMES, 2018, *s. p.*)

Ou seja, a mudança é morosa, mas existe, isso fica visível no poema “Vozes - Mulheres” de Conceição Evaristo, o poema apresenta uma linha temporal de uma genealogia feminina negra:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008, p. 10-11).

As vozes do poema representam cada época vivida pelas antepassadas da voz do eu-lírico, e cada uma passou pelas provações de seu próprio tempo. A voz da filha, representada nas duas últimas estrofes, representa a esperança num futuro diferente, pois será a filha que recolherá todas as vozes “engasgadas” de seus antepassados e fará ouvir com ressonância, será a filha que transformará as vozes “mudas” e “engasgadas” em ato de redenção, em “vida-liberdade”.

Conceição Evaristo, mulher negra, romancista, contista e poeta brasileira, nascida em 1946 em uma comunidade de Belo Horizonte - MG, trabalhou como empregada doméstica até conseguir ingressar no magistério, na década de 70. Engajou-se no Grupo Quilombhoje na década de 80 e começou a publicar suas obras – que abordam temas como a discriminação de raça, gênero e classe - em 1990, na série Cadernos Negros. Ao conhecer um pouco da trajetória da autora, alcançamos uma compreensão maior do poema em destaque, principalmente quando diz: /A minha voz ainda/ ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e fome.

Ao traçarmos um paralelo entre a forma como o negro era apontado na literatura brasileira desde os primórdios e a maneira como essa figuração foi se transformando, na mesma medida em que os movimentos pela igualdade étnica e social foram se fortalecendo, mesmo estando ainda longe da ideal, vemos que gradativamente o negro tem assumido a posição de primeira plana na narração de sua própria história.

1.2 OS NEGROS NA LITERATURA BRASILEIRA

Percebemos que o racismo no Brasil é uma prática historicamente recorrente, que se perpetua mesmo depois de 132 anos após a assinatura da Lei Áurea, fazendo com que a desigualdade e a violência sejam a realidade vivida por muitos no país. Pior ainda para aqueles

submetidos a uma forma de “escravidão moderna”, expressão que é usada para significar as relações de trabalho em que pessoas são forçadas a trabalhar contra a sua vontade por meio de intimidação, ameaça, detenção, violência física ou psicológica⁸. Após a extinção da escravidão legal em 1888, o governo não planejou e nem criou formas para promover a inclusão do negro à vida social, nem espaços/habitações em que pudesse fixar e se estabelecer.

Apesar de constituir a maior parcela da população, o negro teve menos acesso à educação e, conseqüentemente, à bons empregos e condições de moradia segura. Mas, principalmente, continuou sofrendo com o preconceito étnico, o que pode justificar a violência que a população negra sofre no Brasil, como vem sendo noticiado atualmente.

Um dos casos mais marcantes de apagamento das raízes negras no país é o de Machado de Assis, considerado o maior escritor da literatura brasileira, foi embranquecido para que tivesse reconhecimento e sua imagem como negro foi divulgada apenas em 2019, 111 anos após sua morte. Ao longo da história, podemos constatar a exclusão ou embranquecimento de muitos autores como Henrique Dias, o primeiro negro letrado do país, no século XVII; Gonçalves Dias (1823-1864), autor de “Canção do Exílio”, nome forte do romantismo que todos precisam saber que era negro; Maria Firmina dos Reis (1822-1917), primeira romancista negra do Brasil, autora de *Úrsula* (1859); Luís Gama (1830-1882), poeta, tribuno e advogado; Cruz e Sousa (1861-1898), pai da escola simbolista e atuante abolicionista, mas injustamente referenciado como “poeta branco”.

Proença Filho (2004), em artigo denominado “A trajetória do negro na literatura brasileira”, fornece-nos um bom parâmetro de como tem sido a luta dos negros para conquistar o seu lugar literário no país. O autor demonstra que a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador e marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade. Esse autor relata que há dois posicionamentos na trajetória do negro dentro do discurso literário brasileiro: a condição negra distanciada, vista como objeto, e a condição do negro como sujeito atuante da sua escrita literária, com uma atitude compromissada com a sua etnia. Para o autor, na visão distanciada, o negro ou seu descendente é personagem, assunto ou tema. Um exemplo disso é o poema “Essa Negra Fulô” de Jorge de Lima, que faz parte do livro *Poemas Negros* lançado em 1947. Segue trecho:

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô

⁸ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-01/brasil-teve-mais-de-mil-pessoas-resgatadas-do-trabalho-escravo-em>

uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!
- Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!
Essa negra Fulô!
[...]
(LIMA, 1980)

Nesta obra, Jorge de Lima se debruça sobre as condições de vida dos escravos, que eram concebidos como objetos. Para isso, ele fala do cotidiano da escrava Negra Fulô, retratando seus trabalhos domésticos, que eram solicitados por sua senhora. Neste caso, a negra ainda é vista como objeto sexual, trata-se de uma visão estereotipada que perdurou por muito tempo, visto com certa frequência nas obras de Jorge Amado, como em *Gabriela, cravo e canela* (1958), aparece também em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, romance em que o sensualismo desenfreado da mulata aparece na figura de Rita Bahiana. Segue outro trecho que evidencia a parte erotizada da obra de Lima:

[...]
O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dêle pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra fulô?
Essa negra Fulô! (LIMA, 1980)

Nesse trecho fica evidente a sexualização da personagem, que representa uma infinidade de mulheres negras brasileiras. No artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzales (1984), a autora concebe duas leituras do corpo feminino negro: o da mulata erotizada, a mulata “globeleza” do carnaval e o da mucama, a empregada doméstica. Ambas explicitadas

no poema “Essa negra Fulô”, como se esses fossem os únicos papéis possíveis a serem desempenhados por uma negra.

Essa hiper sexualização da mulher negra não se dissolveu com os laços escravistas, ela se mantém até hoje na consideração popular das mulheres negras como mais quentes, o que faz com que a violência sexual que essas mulheres sofrem seja maior em relação às mulheres brancas. A principal diferença da sexualização da mulher branca e a da negra está no fato da mulher branca ser remetida à maternidade, ao recato, em ter sua virtude protegida pela sociedade europeia-cristã, enquanto a mulher negra recebe os estigmas sexual e servil.

Segundo Conceição Evaristo (2011), percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. É negada à personagem feminina a imagem de mulher-mãe, perfil sempre apresentado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus.

A partir do momento em que o negro assume o papel de sujeito da sua escrita passa a ter a voz atuante e preocupa-se em marcar a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. Um momento bastante significativo para a literatura afro-brasileira ocorre a partir da segunda metade do século XX, considerando os eventos ocorridos nesse contexto histórico e político, especialmente pela importância de seus respectivos desdobramentos, de suas ressonâncias no campo cultural e social, o que de certa forma, contribuiu para a sobrevivência e fortalecimento do Movimento Negro e do Movimento Literário Negro. Proença Filho (2004) descreve:

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176)

O excerto expõe a caminhada das vozes precursoras que antecederam as poetisas estudadas nesta pesquisa. E aplainaram o caminho delas. O fortalecimento do Movimento Negro contribuiu para que, a partir da década de 1970, surgissem textos que nos permitem afirmar que é possível pensar na existência de uma literatura afro-brasileira como lugar de resistência para o povo negro. Há diversos contos, poemas e romances que buscam outras

formas de ressignificação do corpo negro e da cultura negra. Alguns já citados aqui, como Solano Trindade e Conceição Evaristo.

Além destes podemos destacar: Luís Gama e Lima Barreto, foram alguns pioneiros, e, Miriam Alves, Carolina Maria de Jesus, Geni Mariano Guimarães, Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro, são algumas autoras notórias nesse momento em que os escritos começam a manifestar o comprometimento com a etnia afro. Atualmente, podemos citar Lubi Prates, Djamilia Ribeiro e Ferrés: são alguns escritores contemporâneos que seguem o caminho de seus antecessores na luta antirracista.

O ato de resistir e denunciar torna-se pauta cultural, sem os estranhamentos anteriores. A expressividade negra vai ganhando uma nova consciência política sob a inspiração do Movimento Negro Brasileiro, que volta o seu olhar para a África. Influenciados por diversos movimentos no mundo e pelas guerras de independência, levadas a termo pelos países africanos tornados colônias europeias. Um exemplo é o poema “Navio negreiro”, de Solano Trindade, seguem alguns versos:

Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...

Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência.
(TRINDADE, 1961)

É possível notar a partir do trecho de Trindade que o discurso muda, é perceptível a valorização do tema afro. O discurso negro encontra terreno fértil e passa a florescer em meio aos obstáculos enfrentados, guiado por uma postura ideológica que passa a conduzir uma produção literária marcada por uma fala enfática, que denuncia as condições do negro no Brasil e no mundo, e os produtos culturais africanos e afro-brasileiros, diferenciando o discurso produzido até então, repleto de lamentos, sofrimento e impotência. É possível fazer uma comparação com o “Navio Negreiro”, de Castro Alves (1880), o qual segue trecho:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento

Os astros saltam como espumas de ouro...
 O mar em troca acende as ardentias,
 — Constelações do líquido tesouro...
 [...]
 Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros...estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...
 [...]
 (ALVES, 1880)

Os versos de Castro Alves representam os negros como vítimas, em uma visão distanciada (PROENÇA FILHO, 1994), e como afirma Bernd (1988), é a literatura sobre o negro e não do negro. O Poema denuncia o tráfico negreiro, a violência e o tratamento desumano, mas não há uma voz enunciativa, ao contrário do poema de Solano Trindade, que nos trechos /Cheinho de poesia/ Com carga de resistência/ Cheinho de inteligência/ são fortes indícios da voz que se pronuncia enquanto o poema de Castro Alves exprime o sofrimento, a lamentação e a impotência de um povo.

De acordo com Zilá Bernd (1988), o discurso da literatura negra é o discurso da identidade, que almeja a desconstrução e reconstrução identitárias, tendo como ponto central o equacionamento da noção de identidade nacional homogênea e uniforme. Ou seja, é um discurso que reinventa a literatura convencional construída ao longo dos séculos, geralmente permeada de preconceitos e estereótipos.

A literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos. (BERND, 1988, p. 22)

Nesse excerto, a autora afirma que o discurso negro é a presença de uma articulação entre textos, determinada por um modo negro de ver e de sentir o mundo e pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida. Isso legitima uma escrita negra com a intenção de proceder à desconstrução do mundo nomeado pelo branco. Já na visão de Luiza Lobo (2007), a literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou afrodescendente que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo.

Conceição Evaristo (2009) enfatiza que, embora a década de 1970 tenha sido um período marcante na afirmação dos textos negros, durante toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si e de si, no entanto, a expressividade negra ganha uma nova consciência política sob inspiração do Movimento Negro. Para a autora:

Esse discurso é orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil, mas igualmente valorativa e afirmativa do mundo e das coisas negras, fugindo do discurso produzido nas décadas anteriores carregado de lamentos, mágoa e impotência. (EVARISTO, 2010, p. 139)

Ou seja, a partir daí, muda-se o discurso e cria-se uma literatura em que o corpo negro deixa de ser o corpo do outro, como objeto a ser descrito, como no poema “Essa negra Fulô”, para se impor como sujeito que se descreve e procura-se desconstruir o olhar negativo, a estereotipia lançada ao mundo e às coisas negras, que aparecem em várias obras da literatura canônica brasileira. Nas palavras de Conceição Evaristo: “Busca-se pela palavra poética alforriar o corpo negro” (EVARISTO, 2006, p. 111). Segue um exemplo com o poema da autora:

[...]
 A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 há mais olhos que sono
 onde lágrimas suspensas
 virgulam o lapso
 de nossas molhadas lembranças.

[...]
 A noite não adormecerá
 jamais nos olhos das fêmeas
 pois do nosso sangue-mulher
 de nosso líquido lembradiço
 em cada gota que jorra
 um fio invisível e tônico
 pacientemente cose a rede

de nossa milenar resistência.
(EVARISTO, 2008, p. 21)

Nesse poema, o eu-poético demonstra a situação de opressão em que as mulheres viveram e muitas ainda vivem ao dizer /a noite não adormece nos olhos das mulheres/. Há no poema uma memória histórica e social, que denuncia os desafios de ser mulher que comumente enfrenta em sua jornada diária, além do trabalho, o cuidar da casa e dos filhos.

A imagem da noite pode se referir a diversos sentidos, é o momento de descanso, de recarregar as forças para o dia seguinte e que por vezes é negado às mulheres. Mas, também pode significar tristeza, angústia e solidão. A noite também é o lugar das lembranças, e elas choram as memórias passadas e veem as injustiças do presente. Deste modo, o eu-lírico diz que /há mais olhos que sono/, pois o sono seria a tranquilidade. Em vigília, as mulheres não dormem preocupadas com suas filhas que reiniciam o ciclo /de nossa milenar resistência/. Um detalhe importante sobre esse poema é que ele foi escrito em homenagem à Beatriz Nascimento.

Um grande avanço na consolidação de textos literários de autoria negra foi a criação dos Cadernos Negros, uma coletânea de textos que teve sua primeira publicação em 1978. Em 1980, surge o Quilombhoje Literatura, criado para divulgar estudos relativos à cultura e literatura negra, que acabou por divulgar os Cadernos Negros no Brasil.

Acerca da série Cadernos Negros, Zilá Bernd (2003) observa que a literatura negra brasileira passa a assumir a causa dos direitos de igualdade dos negros no Brasil, transformando a sua poesia e seus contos em bandeiras de luta contra a violência discriminatória de que a comunidade negra é vítima no país. A autora constata, portanto, que estamos diante de uma vertente da literatura que não possui as mesmas pretensões da literatura canônica: “Ao observar na literatura afro-brasileira o desejo maior de influir, através da palavra poética, na modificação da ordem social que exila o negro para a periferia do sistema e o exclui da maioria das manifestações culturais” (BERND, 2003, p. 115).

Junto ao Movimento Negro, também se destaca, a partir dos anos 1970, o movimento feminista, ainda sob a ditadura militar, sendo pautados por uma luta pela redemocratização, extinção das desigualdades sociais e em busca da cidadania, embora contendo inúmeras diferenças, que segundo críticas, em ambos os movimentos as mulheres negras são consideradas apenas como “sujeitos implícitos”. Esses movimentos institucionalizaram-se compartilhando a ideia de igualdade, porém em alguns movimentos feministas a questão racial não é fundamental; e entre os negros, diferenças entre homens e mulheres não são consideradas.

O movimento de reverberação da literatura da mulher negra surge simultaneamente aos movimentos feministas, sejam eles movimentos feministas negros ou não. O que acaba

projetando uma voz própria às mulheres de todas as etnias, em busca de seus direitos jurídicos, sociais e políticos. Tratava-se de retirar as mulheres da invisibilidade social e reconhecer o modelo patriarcal em que se fundamentavam as sociedades ocidentais, e nas denúncias das formas de opressão em que as mulheres sempre estiveram submetidas.

Segundo Rodrigues (2006), a partir da expressão política das mulheres, surgem novos campos científicos e políticos, e rompem-se as fronteiras da invisibilidade na teoria social e as ciências sociais vão tomando as mulheres, tanto como sujeitos quanto como objetos de estudo, dando origem inicialmente aos estudos sobre mulheres e ao que, na década de 80, se consolida como estudos de gênero.

Os movimentos acabaram produzindo formas de opressão internas, silenciando formas de opressão que articulassem racismo e sexismo, o que posiciona as mulheres negras em uma situação bastante desfavorável frente às mulheres brancas. A aparente igualdade pregada dentro dos movimentos Negro e Feminista foi exposta e acabou por levar as mulheres negras a lutarem por suas especificidades, gerando conflitos e rupturas nos movimentos.

Segundo Carneiro (2003), as mulheres negras tiveram que “enegrecer” a agenda do movimento feminista e “sexualizar” a do movimento negro, promovendo uma diversificação das concepções e práticas políticas em uma dupla perspectiva, tanto afirmando novos sujeitos políticos quanto exigindo reconhecimento das diferenças e desigualdades entre esses novos sujeitos. Conceição Evaristo (2007), como uma autora negra, explicita isso:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua [...] como também pela escolha da matéria narrada. (EVARISTO, 2007, p. 21)

As escritoras afro-brasileiras vêm questionando e rasurando estereótipos em sua luta antirracista e contrária à ideologia patriarcal – principal motivo da exclusão das mulheres em geral de ocuparem espaços importantes na tradição literária brasileira, tanto na dimensão autoral quanto no universo ficcional – no caso das mulheres negras, a ideologia racista é responsável por uma exclusão conjunta de gênero e étnico-racial, além da exclusão de classe historicamente associada aos negros. Sobre isso, se destaca a fala realizada pela escritora Miriam Alves, sobre o papel da escrita feminina no Brasil:

Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala” e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas. Ser mulher escritora no Brasil é ultrapassar os limites do “do lar”, onde a mulher foi confinada, com o propósito de proteção do contato (contágio) externo. Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder “falocrático” (MIRIAM ALVES, 2010-2011, p. 183).

Tanto Conceição Evaristo quanto Miriam Alves demonstram as dificuldades em ser uma escritora negra no Brasil. A primeira diz ser um ato de insubordinação e a segunda diz ser um romper com o silêncio, portanto, um algo não esperado, não quisto pela sociedade. Compactuamos com a visão de Zilá Bernd ao considerar: “o inigualável poder que possui a literatura, quando consegue usar esse potencial subversivo da literatura para desestabilizar os sistemas sem comprometer a literariedade” (BERND, 2003, p. 120). Deste modo, consideramos a escrita feminina como um ato de resistência.

1.3 A RESISTÊNCIA E A POESIA LÍRICA

Para falar sobre resistência e como ela se configura nos poemas em análise é necessário conceituar esse termo que, recentemente, tem ganhado força, principalmente nas redes sociais. Entretanto, é importante apresentar alguns sentidos dos conceitos sócio filosóficos dessa palavra.

De acordo com o dicionário on-line MICHAELIS (2021), resistência tem o sentido de ser o ato ou efeito de resistir; a capacidade que uma força tem de se opor a outra; a capacidade que o ser humano tem de suportar a fome e a fadiga; a defesa contra uma investida; a recusa do que é considerado contrário ao interesse próprio; a não aceitação da opressão; a qualidade de quem é persistente; movimento de luta nacional contra o invasor; qualidade do que é firme, resistente ou durável; solidez.

Segundo o site ORIGEM DA PALAVRA (2021), resistência vem do Latim *resistentia*, de *resistere*, “ficar firme, aguentar”, formado por RE-, “para trás, contra”, mais *sistere*, “ficar firme, manter a posição” e “Resistir, do latim *resistere*, que vem de *stare*, significa manter-se de pé, contrariar a gravidade”, ou seja, está na base da nossa própria história enquanto humanos.

Para Foucault, segundo Deleuze (1988), resistir é o oposto de reagir. Quando nós reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós, mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir seria, neste aspecto, sinônimo de criar. Desta forma, a resistência é, para Foucault, uma força que se subtrai

das estratégias efetuadas pelas relações de forças pelo campo do poder. Esta atividade permite à força entrar em relação com outras forças originadas do lado de fora do poder, forças da mudança, que apontam para o novo e criam possibilidades.

É necessário entender que nas leis da Física toda força e formas de empuxo geram uma força contrária. Quando saímos das leis da Física e entramos nas formas de organização da vida, sejam elas vegetal ou animal, não abandonamos essas leis pois, mudando o que deve ser mudado, todas as formas de vida são forças que resistem a inúmeros obstáculos. As formas vivas só perecem quando não conseguem mais resistir ou quando as forças opostas são muito maiores. Por isso, há até um ditado popular que afirma: Contra a força, não há resistência. Há sim, e os milênios de vida no planeta Terra guardam muitos exemplos de resistência. Mas, saindo da Física e das outras formas de vida, no caso humano, a História registra inúmeros exemplos de resistência, pois o poder quando se estabelece procura, de todas as formas, meios de destruir e de se precaver contra as resistências daqueles que serão por ele dominados. Felizmente, as estruturas que o poder estabelece nem sempre conseguem extinguir as manifestações dos que resistem à dominação. Um exemplo disso é a capoeira e o candomblé, que são manifestações culturais afro-brasileiras; se a dominação escravocrata fosse totalmente eficaz, possivelmente, hoje não teríamos essa luta e religião de origem africana ainda vivas no Brasil.

Os quilombos brasileiros representaram um grande símbolo da resistência negra contra o dominador branco pois, tratava-se de um espaço de vivência marcado pelo enfrentamento, pela contradição ao sistema. Na visão de Keila Quadros (2019), o quilombo foi e ainda representa uma forma de resistência contra a força branca e o sistema que é permeado de discriminação, opressão e exclusão. O quilombo nada mais foi do que a maior organização criada por escravos para ir contra a escravidão negra. Entretanto, Conceição Evaristo (2010) ressalta que o quilombo não garantia ao escravo a liberdade, permanecia escravo e tornava-se escravo fugido, redobrando assim a sua exclusão social.

Resistência é, portanto, o ato de se opor ao *status quo* opressor, caracterizada por grupos marginalizados da partilha necessária à condição cidadã. E as formas de resistir são diversas, da luta armada à capoeira, ao candomblé. Os instrumentos de resistência são muito mais abrangentes: a cultura, a arte, a poesia, a política, o debate, a música e até mesmo o pensamento, não se deixar abalar ou cair mais no abismo que desejam colocar-te, como nossas poetisas nesse estudo, que apesar de todas as dificuldades, fazem do poema a sua voz: “Eu, mulher, negra, RESISTO” (RUFINO, 1988, p. 14).

Para Bosi (2002), o ato de resistir é não ceder à outra força, impondo assim o querer do indivíduo em si. Segundo o autor, resistir é opor a força própria à força alheia. Um sinônimo aproximado seria *insistir* e um antônimo é *desistir*. Ele considera que a ideia de resistência quando vinculada a literatura se dá de duas formas: como tema e como processo inerente à escrita.

A escrita resistente, para Bosi (2002), é aquela opção que escolherá os temas, situações, personagens e decorre de um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes. A resistência é um movimento interno que não resgata apenas o que foi dito ou escrito em um determinado momento do passado, resgata também o que foi calado. Como no poema “tudo aqui é um exílio”, de Lubi Prates:

tudo aqui é um exílio

apesar do sol
das palmeiras
dos sabiás,

tudo aqui é
um exílio.

tudo aqui é
um exílio.

apesar dos rostos
quase todos negros
dos corpos
quase todos negros
semelhantes ao meu.

tudo aqui é
um exílio, [...]
(PRATES, p. 31-32, 2019)

O poema expressa o que por muito tempo foi calado: um sentimento de não pertencimento. Ele traz uma intertextualidade com a Canção do exílio, de Gonçalves Dias, de 1843, em que o autor relata o patriotismo e saudosismo da terra natal, de quando se encontrava exilado em Portugal. Em contraposição, “tudo aqui é um exílio” expõe que apesar de estar em sua terra natal, /apesar do sol/ das palmeiras/ dos sabiás/, o eu-lírico se sente em exílio, por toda a exclusão racial existente no país que faz com que os negros se sintam estrangeiros em sua própria terra natal. Segundo Djamila Ribeiro (2018), é esse o sentimento de muitos negros no

Brasil, para a autora: “É exatamente esse o sentimento que me acomete. É duro, inclusive, ter de admitir que na maioria das vezes sou mais bem tratada fora do que no Brasil” (p. 138).

A literatura proporciona um lugar de resistência para o povo negro, e a escrita feminina pode ser encarada como lugar de resistência para as escritoras afro-brasileiras, que possuem especificidades marcadas pela etnia e pelo gênero. A literatura negra apresenta um desafio para o cânone e a textualidade brasileira, e a escrita feminina traz desafios ainda maiores, pois tende a ser desvalorizada por leituras a partir de uma tradição estética ocidental, como produções da margem e da diferença, que altera a base de construção da memória, particularmente no que diz respeito ao desenho da autoimagem do sujeito afro-brasileiro. Segundo Rattz (2006), a invisibilização e o silenciamento do pensamento negro têm consistido em uma das formas mais eficazes para a permanência e reprodução da alienação cultural e postergamento da emergência e florescimento do pensamento crítico negro.

Enquanto produção textual de resistência, a literariedade desses textos, muitas vezes, busca mobilizar o leitor para reagir a situações de discriminação e racismo que continuam a acontecer, que se tornam ainda piores quando colocamos em pauta as questões de gênero e classe social. No entanto, isso não impede que o texto demonstre uma sensibilidade capaz de construir perspectivas de mudanças, que se utilize o uso criativo da linguagem, que se aproveite dos sons e ritmos e de movimentos e nuances que possam emocionar e/ou sensibilizar, manifestando arte ao explorar os mais amplos recursos estilísticos.

A poesia lírica é um gênero discursivo que surgiu na Grécia Antiga, recitada em forma de canto e, normalmente, acompanhada pela sonoridade de algum instrumento musical, como a flauta ou a lira. O nome *lírica* (do latim *lyricu*) se originou a partir disso. Atualmente, o gênero de poesia lírica não está mais relacionado unicamente com a música, e tende a expressar-se pelas obras em verso, por meio das chamadas sílabas poéticas, nas quais a sonoridade construída pelo arranjo de palavras que performam o verso. O gênero manteve a musicalidade dos versos por meio de uma série de recursos, como as aliterações, os vocábulos e as rimas, por exemplo. Nas poesias líricas há a presença do chamado “eu-lírico”, “sujeito lírico” que consiste na voz que expressa o tom do poema e que tem o papel de expressar as emoções, pensamentos e sentimentos, enfim os afetos que movem a instância da enunciação.

A poesia lírica tem seu foco nos afetos, o ângulo de visão é particular, mas esse particular é sustentado pelo fenômeno que Adorno nomeia de “corrente subterrânea coletiva” (2003, p. 77). Essa corrente carrega as angústias, sonhos, medos e dilemas de uma época. As poetas neste estudo, assim todo poeta, mergulham nessa corrente que, segundo Adorno “é o fundamento de toda lírica individual” (2003, p. 77), é a voz da humanidade posta na voz do

poeta ao expressar as perplexidades e entraves da condição humana em sua vocação de transcendência. Como no poema de Alzira Rufino:

não
 não sei se tirei a couraça
 não sei se rolei na cachaça
 não sei se curei a ferida
 pois não suporto a ausência
 quando os outros dizem não
 só sei que é violência
 essa marca rotulada
 essa coisa velada
 não
 minha vida diz não
 (RUFINO, 1988, p. 87).

O poema, mais do que relatar o racismo vivido no dia a dia, ele expressa a dor da subjugação da população negra e os óbices que disso resultam, o silenciamento e o estigma que calam fundo no corpo e na alma dos estigmatizados. Eles podem despertar no leitor um misto de sensações, como empatia, identificação, revolta, indignação etc.

Marcada pelo uso da primeira pessoa, da linguagem conotativa/figurada, de figuras de palavras ou tropos, de figuras de sintaxe ou construção de figuras de pensamento e de figuras de som, cada uma dessas poéticas de se figurar com palavras compõe o fenômeno denominado estilo, ou seja, o modo peculiar de um cânone ou poeta se expressar. São essas as peculiaridades que permitem uma plurissignificação dos enunciados, que não seria possível com o uso restrito e literal das palavras e que fazem os sentidos deslizarem. Ao dar voz ao coletivo, o gênero lírico busca particularizar esse coletivo na subjetividade de cada ser individual, como se falasse diretamente aos anseios no uno imerso no múltiplo. Isto é, dos sentimentos mais íntimos do sujeito lírico. É a exteriorização de um mundo interior.

Entendemos como discurso lírico aquele que, recorrendo a um discurso denso, expressivo e com certa musicalidade e ritmo, permite artisticamente expressar os afetos, desejos ou os pensamentos íntimos que nascem na coletividade e são carreados pelo mundo interior do "eu", em uma espécie de autorreflexão, numa palavra que Deleuze denomina de percepto⁹. Utilizando-se de uma voz poética em que o "eu" pode ter como interlocutor ele mesmo ou um

⁹ Os perceptos fazem parte do mundo da arte. O que são os perceptos? O artista é uma pessoa que cria perceptos. Por que usar esta palavra estranha em vez de percepção? Porque perceptos não são percepções. O que é que busca um homem de Letras, um escritor ou um romancista? Acho que ele quer poder construir conjuntos de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem. O percepto é isso. É um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente. <http://devirfotografia.blogspot.com/2013/09/no-abecedario-entrevista-feitas-deleuze.html>. Acesso em 20 de maio de 2020.

segundo indivíduo, sempre apresentando um discurso centralizado no eu e em suas experiências. Um exemplo de poema que expressa musicalidade e ritmo, é o poema *Phenomenal woman*, da poeta negra norte-americana Maya Angelou, segue trecho:

Now you understand
 Just why my head's not bowed
 I don't shout or jump about
 Or have to talk real loud
 When you see me passing
 It ought to make you proud
 I say
 [...]
 'Cause I'm a woman
 Phenomenally
 Phenomenal woman
 That's me¹⁰ (Maya Angelou, 1978)

Maya Angelou diz escrever para a voz negra e para todos os ouvidos que podem ouvi-la, ou seja, não há barreiras para suas palavras. Angelou em seu poema retrata o amor-próprio e critica os estereótipos que a sociedade tem sobre a beleza. O eu-lírico não precisa gritar aos quatro ventos para chamar a atenção – sua beleza vem de dentro e isso a torna uma mulher fenomenal. A crítica sobre o que é belo é fundamental neste poema, visto que a autora sofreu discriminação racial num país em que a beleza pertencia apenas àquelas que possuíam pele e olhos claros.

Além da mensagem que o poema expressa, é possível notar a presença da musicalidade no poema, com versos curtos e a frequência das rimas, que proporciona um ritmo agradável e musical. O poema inclusive já foi cantado algumas vezes, como, por exemplo, por Ruthie Foster em 2011¹¹.

Cruz (2012) observa que a poesia tem o poder de exercitar a nossa imaginação e nos ensinar a reconhecer as diferenças, e descobrir analogias presentes nas formas poéticas e nas

¹⁰ Agora você entende
 Porque minha cabeça não se inclinou
 Eu não grito ou tento aparecer
 Nem falo alto demais
 Quando você me vê passando
 Isso deve fazer você se orgulhar
 Eu digo
 [...]
 Porque eu sou uma mulher
 Fenomenalmente
 Mulher fenomenal
 Esta sou eu (tradução nossa)

¹¹ Performance de Ruthie Foster's no Antone's em 21/06/11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rkYh2BYONms> Acesso em 23/04/2022.

figuras de linguagem, nas quais se descobrem semelhanças ocultas entre objetos diferentes. Para o autor, “a linguagem do poema ultrapassa a esfera dos significados relativos e nomeia o indizível, ou seja, o poema não tem por objetivo explicar ou representar, ele apresenta.” (CRUZ, 2012, p. 61). A partir daí, cabe ao leitor recriá-lo, revivê-lo, encontrar-se a si no outro.

Para Octavio Paz (1982), “o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem” (p. 17), e o poema nada mais é do que “um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia” (p. 17). A poesia transmite um sentimento básico da existência por meio das imagens, menos do que pelos conceitos. Sobre a lírica e sociedade, Adorno nos diz:

Uma corrente subterrânea coletiva é o fundamento de toda lírica individual. Se esta visa efetivamente o todo e não meramente uma parte do privilégio, refinamento e delicadeza daquele que pode se dar ao luxo de ser delicado, então a substancialidade da lírica individual deriva essencialmente de sua participação nessa corrente subterrânea coletiva, pois somente ela faz da linguagem o meio em que o sujeito se torna mais do que apenas sujeito (ADORNO, 2003, p. 77).

Uma forma bastante evidente dessa proposição de Adorno é a poesia lírica plasmada pelas três poetisas negras estudadas nesta pesquisa. A crítica social empreendida por elas é a “matéria vertente” usada como estrutura e argamassa de seus poemas, concordando com a afirmação de Adorno (2003, p. 66-67): “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela [...]”. Além de Adorno, outro crítico literário, no caso Bosi (2002) confirma às vezes, quando o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe àquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica, para ali no recôndito do seu ser encontrar a “voz da humanidade”. Ao negar a vida danificada, o poeta nega o discurso, o ideário que a constitui e a ideologia que a sustenta, renovando as formas de expressão de sua linguagem, que se diferencia da linguagem gasta pela ideologia, ou a do senso comum, transformando-se em linguagem de resistência.

O poema possui a função de comunicar ao mundo, e a força interior que move o poeta deve dialogar com a realidade social presente, fazendo com que o leitor possa refletir a partir da mensagem levada, podendo considerar o poema, com a temática de crítica social, uma continuação.

Conforme Paz (1982), “a uma sociedade dilacerada corresponde uma poesia como a nossa” (p. 229), e a poesia lírica cumpre uma função social formativa que estimula a consciência da percepção de si e da vida social vivida e crítica sobre os problemas sociais, estabelecendo

uma efetiva comunicação entre poeta, obra e leitor. Nesse sentido, o poema pode ser uma palavra de resistência.

No Brasil, é possível observar que a poesia, principalmente a de cunho social e político, tem colaborado para a compreensão do cenário sociocultural do país, uma vez que denuncia os problemas sociais, e retrata a violência sofrida pelas minorias. Bosi (1977) aponta a existência de um viés poético de resistência da poesia em relação aos discursos dominantes:

A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. A resistência também cresceu junto com a "má positividade" do sistema. Daí vem as saídas difíceis: o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio. O canto deve ser um grito de alarme [...] produção de sentido contra ideológico válida para muitos, uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes. A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do *epos* revolucionário, da utopia) (BOSI, 1977, p.142).

Nesse excerto, Bosi afirma que a poesia moderna nasce com algo que incomoda a ordem socioideológica vigente e, que por isso, a poesia situa-se, na modernidade, à margem da literatura em prosa. Ressalta ainda que a poesia deve ser o alarde, a arte que destoa e desequilibra o ambiente pacífico da hipocrisia social. Nesse sentido, a lírica manifesta-se como contraponto à ideologia dominante e, além disso, carrega as marcas da diáspora negra, da miscigenação étnico-cultural, da oralidade e da cultura popular brasileira e ainda o caráter coletivo de comunidade. Segundo Bosi:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, "esta coleção de objetos de não amor" (Drummond). Resiste ao contínuo "harmonioso" pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI 1977, p. 145).

O autor reitera nessa fala o resistir poético, e considera que é nesse espaço literário que a narrativa lírica liberta a voz de tudo o que silenciou, quando atinge certo grau de intensidade e profundidade.

Não podemos deixar de mencionar que esse lugar de fala, na esfera literária, historicamente é negado às minorias, aqui em nosso caso, às mulheres negras. Opressão, submissão e silenciamento fizeram com que as vozes femininas fossem sufocadas por meio da

violência física e moral. No século XX, elas começaram a se libertar de seu papel na literatura exclusivamente como personagem, ou quem sabe, como leitora. Ao participar das criações literárias, as mulheres passaram a reconstruir suas identidades, revelando ao mundo escritoras capazes de contribuir ao cânone literário, assim como profissionais engajadas na educação, política e em diferentes áreas da sociedade brasileira.

2. ENTRELAÇAMENTOS SOBRE RESISTIR

Apresentamos aqui as poetas e os poemas selecionados para este estudo, que irão compor o *corpus* da pesquisa. A escolha dos poemas e poetas manifestou-se pelo objetivo da pesquisa em demonstrar a resistência em autoras mulheres e negras, de expressiva representatividade nas últimas décadas no país.

Traremos inicialmente um pouco sobre a trajetória de vida de cada poeta aqui representada, e uma imagem fotográfica individual, em uma tentativa de valorizar suas memórias e fazer-se reconhecer em um meio que, historicamente, tem ignorado as autoras afro-brasileiras.

Como sustentação teórica no desenvolvimento da análise, contamos com Bosi (1977), Munanga (1988), Rattz (2006), Rattz e Gomes (2015), Nilce Martins (2000), Proença Filho (2004), Norma Goldstein (1989), Coutinho (2016), Adorno (2003), Carvalhal (2006) e Salete de Almeida Cara (1989).

Para as análises, levamos em consideração os níveis: gráfico, visual, sonoro, lexical, sintático e semântico nos poemas, tentamos realizar uma interpretação subjetiva das obras e observamos como demonstram resistência. E, finalmente, tentamos fazer uma reflexão comparativa das obras, trazendo aspectos em que elas se aproximam e se diferem, e como a sua poesia pode colaborar na luta contra as desigualdades, principalmente raciais.

2.1 ALZIRA RUFINO: RESISTO

*Mulher negra, chega
Mulher negra, seja
Mulher negra veja
Depois do temporal.
[...]
Transpiro a liberdade.
(RUFINO, 1988)*

Figura 01 – Alzira Rufino



Fonte: Antologia da mulher negra (2014)

Alzira dos Santos Rufino, nascida em 1949, em Santos, São Paulo, é enfermeira, escritora e ativista política brasileira que atua no Movimento Negro e no Movimento de Mulheres Negras. Tem sido referência na luta contra a violência à mulher e a

favor dos direitos dos negros e se autointitula “batalhadora incansável pelos direitos da mulher, sobretudo da mulher negra”.

Alzira é de uma família humilde e seguidora das tradições do Candomblé, foi a primeira escritora negra que teve seu depoimento gravado no Museu de Literatura Mário de Andrade, em São Paulo.

Foi pioneira e participativa na região de Santos na divulgação e debates sobre a situação das mulheres negras e da violência contra a mulher. Coordenou de 1995 a 1998 a Rede Feminista Latino-americana e do Caribe contra a violência doméstica, sexual e racial. É uma das criadoras da Casa abrigo de Santos, atuação que influenciou a criação de serviços direcionados às mulheres, com atendimento jurídico, psicológico e geração de trabalho e renda, em diversas cidades brasileiras.

Alzira foi conferencista da Conferência Internacional sobre violência, abuso e cidadania da mulher, que ocorreu no Reino Unido em 1996, e esteve à frente de diversos projetos e campanhas sobre a violência contra a mulher nos últimos anos.

Em entrevista ao site Mulher, em julho de 2003, Alzira Rufino comentou os desafios impostos à mulher afrodescendente na ocupação dos espaços de decisão na sociedade, bem como no mercado de trabalho:

O movimento negro precisa ter um papel decisivo junto à população negra e à sociedade. As ONGs de mulheres negras têm também um papel importante de apontar direções, de articular as mudanças, exigindo a inclusão da mulher negra em todas as políticas de gênero e de raça em nosso país, resgatando a sua liderança, desde a chamada Abolição. Em relação à mulher negra, um dos grandes desafios deste início do terceiro milênio é colocá-la no poder, mostrando a cara nas mesas de decisão política e econômica. Se compararmos com os avanços das mulheres brancas, por exemplo, em áreas em que elas já são maioria (medicina, advocacia) nós constatamos quantas barreiras diferenciadas enfrentam as mulheres que têm a pele negra. Ao falarmos de avanços das mulheres, precisamos perguntar de que mulheres nós estamos falando. (RUFINO, 2003)

Alzira é poeta e contista, e dispõe de diversas publicações nos Cadernos negros, a autora já recebeu prêmios em concursos de poesia em várias cidades brasileiras. Sua produção se aproxima da chamada “Geração Quilombhoje”, no sentido de uma literatura com o objetivo de promover a cultura afro-brasileira, a autoestima da população afrodescendente e o combate a todos os tipos de discriminação racial. O ponto de vista adotado na escrita dos seus textos, ressalta além do olhar negro, o olhar negro e feminino.

Em relação ao nível gráfico-visual da obra, ao fazermos sua escansão, verificamos que o poema possui 13 versos e a métrica não é perfeita, entretanto há sincronia, pois, quatro versos separam as rimas:

de onde vem este medo?	6 (sílabas poéticas)
Sou	1
sem mistério existo	5
busco gestos	3
de parecer	4
atando os feitos	4
que me contam	3
Grito	1
de onde vem	3
esta vergonha	4
sobre mim?	3
Eu, mulher, negra,	4
RESISTO.	2

Quanto à sonoridade, não há evidência de uso de figuras de som ou harmonia, entretanto, como obra poética, possui ritmo, evidenciado pelas rimas em existo/grito/resisto, pelo tamanho aparelhado dos versos, e pela repetição de “de onde vem”. Mas, de um modo geral, os versos são mais livres, soltos e assimétricos.

Sobre o nível lexical e semântico, notamos que a autora opta por palavras populares, de uso comum, e faz uso das palavras em sentido literal, o que não diminui a expressividade da mensagem, que é permeada por outras vozes que plurissignificam o enunciado. Há o uso recorrente de verbos - sou/existo/busco/parecer/atando – que demonstram uma ação constante do sujeito. A nível sintático, são utilizados períodos curtos e alguns fragmentados como em: De onde vem/ esta vergonha/ sobre mim? / E também há o uso das vírgulas no penúltimo verso, que dá uma pausa e produz uma ênfase maior em cada palavra dita.

No poema, o eu-lírico feminino inicia com uma pergunta /de onde vem este medo? / que expressa uma indagação estranha de si que se procura nesse incômodo sentimento interior. Apesar de paradoxal e talvez simples, essa angústia é o que produz os primeiros sentimentos que conduzem a uma mudança, expressa no seguinte verso /Sou/, o uso do verbo ser, que é um verbo de estrutura definitiva, está flexionado na primeira pessoa do modo indicativo, dando ao verbo um aspecto de permanência auto afirmativa de quem se firma e afirma, este “sou” anuncia a voz de um sujeito afrodescendente que se reconhece em sua singularidade e a identifica como força de resistência a enfrentar e a inverter a desvalorização dada à cor da pele e à etnia pelo

racismo. À contrapelo do ideário racista patriarcal, a voz do sujeito lírico contrapõe a dupla condição de ser mulher negra, invertendo a negatividade dada a ela por este ideário.

Nos versos seguintes lemos: “sem mistérios existo/ busco gestos/ de parecer/ atando feitos/ que me contam”. Aqui, o eu-lírico conta que aos poucos e de forma gradativa vai se construindo. O autorreconhecimento declarado nesses versos retrata o comportamento de muitos afrodescendentes em sua busca como indivíduos e de seu lugar no mundo. Essa necessidade de autoafirmação não ocorre por acaso, esse poema surge como resposta ao processo de depreciação que a imagem do negro sofreu e vem sofrendo desde a época da escravidão, das tentativas de depreciar suas identidades, criando, entre alguns sentimentos, o de inferioridade. Como afirmado por Carina Lima (2009), quando a autora menciona que a depreciação das características físicas, sociais e intelectuais foram usadas como estratégia de apagamento da cultura africana e permanecem até hoje em forma de preconceitos.

O verso /grito/, aparentemente divide o poema, causa uma ruptura, demonstrando a busca de si, de questionar-se, porque medo, por que vergonha, existente ou criada, e imposta a si. Há uma necessidade de se autoquestionar para se reconhecer.

Na sequência vêm os versos /de onde vem/ esta vergonha/ sobre mim? / neles, a voz poética questiona seus próprios sentimentos e uma tentativa de ressignificação é criada, a partir do momento em que o eu-lírico toma consciência que este sentimento de vergonha não vem de si, é externo, veio com os julgamentos e estereótipos da sociedade. Como aponta Lélia Gonzales (1984), ao conceber duas leituras estigmatizadas da mulher negra, como serviçal ou como mulata hiper sexualizada, estigmas que ainda permanecem na consideração popular, o que faz aumentar a violência sofrida por essas mulheres.

O poema revela um sujeito feminino que manifesta a força da poesia lírica para expressar sua existência, gestos, pareceres, feitos e seu grito de resistência. Todos esses questionamentos são diluídos em uma conclusão para si mesma: “Eu, mulher, negra, RESISTO”. Nestes versos finais, presentes entre as vírgulas as palavras: eu, mulher e negra, cada uma representa uma identidade do eu poético e a consciência de si perante os questionamentos prévios manifestados no poema.

As duas últimas linhas, “Eu, mulher, negra, RESISTO”, repetem o título do livro da autora com uma pequena diferença. Os termos ‘negra’ e ‘mulher’ aparecem divididos por vírgulas, dando mais ênfase a cada termo, e o verbo isolado, escrito em letras maiúsculas, fazendo-o soar como um manifesto.

Alzira Rufino reflete em sua poesia a sua trajetória de vida, ao denunciar e abordar em suas obras as condições das mulheres negras, as violências sofridas, física e moral, suas

angústias e incômodos internos, sempre enfatizando o orgulho de ser mulher e negra. Autoafirmar-se, reconhecer-se e resistir são estratégias na construção da identidade negra. Essa solidariedade apontada pela autora é uma espécie de “sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e a preservar nossa identidade comum” (MUNANGA, 1988, p. 44).

Quando esse sentimento de solidariedade é rompido, os vestígios dos descendentes da África, de seu passado comum, de suas ancestralidades e das mazelas vividas no passado e no presente, são diluídos em partes, e com isso, enfraquecem os movimentos de organização do sentimento negro em torno de uma causa comum. Alzira Rufino, nos versos do poema “Resisto”, apresenta a resistência e determinação de um eu-lírico negro que busca sua identidade e se firma como tal.

Assim como Bosi (1977) afirma que a poesia deva ser o alarde, a arte que destoa e desequilibra o ambiente pacífico da hipocrisia social, nesse texto poético temos o grito indignado de um sujeito feminino que quebra todas suas vergonhas, seus medos e mistérios, para assumir a simplicidade de ser mulher e negra, que mediante todas as circunstâncias, resiste, carregando as marcas da diáspora negra, da miscigenação e da cultura popular brasileira, como pontuou Bosi. É possível, portanto, compreender a poesia de Rufino como uma poesia de manifesto, já que a maior parte de seus poemas são como uma voz expressiva contra todas as formas de submissão impostas e as desigualdades socioculturais e econômicas.

2.2 BEATRIZ NASCIMENTO: SONHO

Abertura I

*Quero.
 Extrair qualquer síndrome
 Qualquer aparência do que não sou
 Qualquer vínculo com o passado odiado que
 restou
 Quero.
 Palma verde e nua
 Herança que cultivei
 Quero, resumir numa só
 As fantasias com que sonhei...
 (NASCIMENTO, 1988)*

Figura 02 – Beatriz Nascimento



Fonte: Todas (as) distâncias (2015)

Maria Beatriz Nascimento, (1942-1995), nasceu em Aracaju, Sergipe, filha de uma dona de casa e de um pedreiro, a oitava de dez irmãos. Beatriz fez o caminho de muitas mulheres negras, foi retirante e mudou-se para o Rio de Janeiro aos sete anos, com sua família. Estudiosa, pesquisadora, ativista, escritora e graduada em história pela UFRJ. Segundo Rattz (2006), Beatriz pode ser descrita, resumidamente, como: mulher, negra, nordestina, quilombola urbana contemporânea, historiadora, professora, poeta, ativista, pensadora. Como historiadora, contribuiu para a libertação da negritude do aprisionamento acadêmico ao passado escravista, atualizando signos e construindo novos conceitos e abordagens. Foi roteirista e realizadora do documentário "Ôri". Essa obra trata dos movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e o continente africano, tendo o quilombo como ideia central.

A autora possui em sua biografia importante trajetória nas décadas de 1970, 80 e início da de 90, não apenas para a população negra, mas para a historiografia da cultura e literatura negro-brasileira. Após seu falecimento em 1995, ocorre com sua poesia o processo de apagamento, que silenciou tantas vozes da resistência negro-feminina. Mesmo depois de tantas poetas publicarem, ainda temos dificuldades em encontrar seus escritos em livrarias e na internet. De acordo com relatos da época, o autor do crime teria assassinado Beatriz por esta ter aconselhado sua namorada a abandoná-lo, porque o homem costumava bater na companheira, e ele não aceitou que uma negra se intrometesse no relacionamento. E, segundo as investigações da polícia, este foi o quinto assassinato de militantes do movimento negro no Rio de Janeiro, em menos de um ano, levando a crer, que o crime possa ter tido motivações racistas.

Maria Beatriz Nascimento era uma das maiores especialistas brasileiras em história dos quilombos, tanto que ressignificou seu conceito como “território, favela ou espaço de continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil” (RATTS, 2006, p. 11). Ativista dos movimentos negro e feminista, ela fazia mestrado em comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De Beatriz Nascimento, escolhemos para análise o poema “Sonho”, publicado em “Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento”, em 2015.

Sonho

[A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha. 1989].

Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas

Seu sexo seu escudo
 Sua mente libertação
 Nada satisfaz seu impulso
 De mergulhar em prazer
 Contra todas as correntes
 Em uma só correnteza
 Quem faz rolar quem tu és?
 Mulher!...
 Solitária e sólida
 Envolvente e desafiante
 Quem te impede de gritar
 Do fundo de sua garganta
 Único brado que alcança
 Que te delimita
 Mulher!
 Marca de mito embotável
 Mistério que a tudo anuncia
 E que se expõe dia-a-dia
 Quando deverias estar resguardada
 Seu ritus de alegria
 Seus véus entrecruzados de velharias
 Da inóspita tradição irradias
 Mulher!
 Há corte e cortes profundos
 Em sua pele em seu pelo
 Há sulcos em sua face
 Que são caminhos do mundo
 São mapas indecifráveis
 Em cartografia antiga
 Precisas de um pirata
 De boa pirataria
 Que te arranques da selvageria
 E te coloque, mais uma vez,
 Diante do mundo
 Mulher.
 (NASCIMENTO, 2015, p. 30)

O poema tem início com o título *Sonho*, vocábulo que no contexto do poema e da luta do movimento negro pode ser caracterizado por uma utopia, como uma demanda de vontade considerando as circunstâncias vividas e a aspiração de mudança, de quem almeja viver em outras condições. Convém apontar aqui o que dizem os dicionários de Língua Portuguesa, neles os principais sentidos para o substantivo “sonho” querem significar principalmente: a) conjunto de ideias e de imagens que se apresentam ao espírito durante o sono; b) [*figurado*] utopia; imaginação sem fundamento; fantasia devaneio ilusão; felicidade; que dura pouco; esperanças vãs; ideias quiméricas.¹²

¹² Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/sonho>. Acesso em 16-06-2022.

Entretanto para a psicanálise, o substantivo sonho ganha outros sentidos e se constitui numa realização (disfarçada) de um desejo reprimido que:

possui um conteúdo manifesto, que é a experiência consciente durante o sono, e ainda um conteúdo latente, considerado inconsciente. Os elementos do sonho latente tendem a fazer o indivíduo despertar. E, durante o sono, em função da completa cessação da atividade motora voluntária, a repressão está enfraquecida, o que aumenta a possibilidade de as pulsões terem acesso à consciência. Todavia o sonho atua como "o guardião do sono". Em função de uma solução de compromisso entre o id e o ego - que é a instância que exerce a repressão -, é permitida uma gratificação parcial das pulsões, diminuindo a força delas e, conseqüentemente, possibilitando que o indivíduo continue a dormir. Essa gratificação se dá através de uma fantasia visual (o conteúdo manifesto do sonho), que é o resultado de um processo regressivo: o fluxo da energia psíquica, ao invés de seguir em direção às vias motoras, retorna às vias sensoriais¹³.

Mudando o que deve ser mudado na concepção do fenômeno sonho para a psicanálise e para os sentidos dicionarizados, a poesia lírica, assim como toda literatura, é considerada pelos críticos como “o sonho acordado das civilizações”¹⁴. E, justamente, nesse aspecto está posta as diferenças entre os dicionários e a psicanálise e o uso da etiqueta semiótica “sonho”, que dá nome ao poema. Sonho acordado, quer dizer da vocação, mas também da luta e empenho da literatura e da poesia em construir um mundo humano em que a vida de todos possa ser vivida em melhores condições. Embora os sentidos contêm traços desses sentidos primeiros do termo. Depois com os usos e desusos, o substantivo sonho, historicamente, assim como acontece a todas as palavras, foi acumulando sentidos que se sedimentaram sobre o sentido etimológico, o termo ganhou destaque na poética romântica, como devaneio e, depois mais, com a psicanálise.

No poema sonho implica em resistir, persistir e não desistir de ser mulher negra e de ser mulher. Os cinco primeiros versos recorrem ao passado com o uso do verbo ser na terceira pessoa do pretérito imperfeito do modo indicativo, (elíptico do segundo ao quinto versos) para indicar a memória do que se foi, sendo o terceiro, quarto e quinto versos indicativos de onde essa mulher oprimida encontrou em si mesma e em seu próprio corpo as armas que dispunha para enfrentar a opressão. Depois, o sexto verso o verbo está no presente, marcando a premência

¹³ Elie Cheniaux. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. Acesso em 15 de jun 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rprs/a/BqyRYJPBCVrCwmSnY5JcMHj/?lang=pt#:~:text=Para%20Freud%2C%20o%20sonho%20constitui,um%20conte%20C3%BAado%20latente%2C%20considerado%20inconsciente.>

¹⁴ Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações.” CÂNDIDO, 1988, p. 175. CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1988

do princípio do prazer negado às mulheres e os oprimidos que devem arcar com o peso de se construir o prazer para outrem.

Na sequência, o poema parece interpelar o interlocutor com o questionamento: “Quem faz rolar quem és tu? / Mulher!”, e então descreve esse ser a partir do ponto de vista da autora, mulher, negra, guerreira. Embora o título seja *Sonho*, a palavra que mais se repete ao longo do poema é *Mulher*, talvez, se considerarmos que o sonho se refere a um desejo ou aspiração, ao evocar a palavra mulher, o eu-lírico reforça seu desejo de ver essa mulher reverberar /Diante do mundo/ (verso 37). Adorno, sobre essa questão, pondera que “o poema enuncia o sonho de um mundo em que essa situação seria diferente. A idiosincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo” (Adorno, 2003, p. 69). O sonho que Beatriz Nascimento enuncia retrata uma outra mulher negra, uma mulher que ocupa todas as posições e lugares que deseja alcançar.

Em relação ao nível gráfico-visual do poema, verificamos que possui 38 versos e a métrica não é perfeita, a repetição do verso “Mulher!” separa o poema em 4 estrofes assimétricas.

1ª estrofe	1 Seu nome era dor 2 Seu sorriso dilaceração 3 Seus braços e pernas, asas 4 Seu sexo seu escudo 5 Sua mente libertação 6 Nada satisfaz seu impulso 7 De mergulhar em prazer 8 Contra todas as correntes 9 Em uma só correnteza 10 Quem faz rolar quem tu és?
	11 Mulher!...
2ª estrofe	12 Solitária e sólida 13 Envolvente e desafiante 14 Quem te impede de gritar 15 Do fundo de sua garganta 16 Único brado que alcança 17 Que te delimita
	18 Mulher!
3ª estrofe	19 Marca de mito embotável 20 Mistério que a tudo anuncia 21 E que se expõe dia-a-dia 22 Quando deverias estar resguardada 23 Seu ritus de alegria 24 Seus véus entrecruzados de velharias 25 Da inóspita tradição irradias
	26 Mulher!
4ª estrofe	27 Há corte e cortes profundos 28 Em sua pele em seu pelo

	29 Há sulcos em sua face 30 Que são caminhos do mundo 31 São mapas indecifráveis 32 Em cartografia antiga 33 Precisas de um pirata 34 De boa pirataria 35 Que te arranques da selvageria 36 E te coloque, mais uma vez, 37 Diante do mundo
	38 Mulher.

Quanto à sonoridade, notamos o uso de aliteração logo nos primeiros versos, pela repetição do som da consoante “S”: “Seu nome era dor / Seu Sorriso dilaceração/ Seus braços e pernas, asas/ Seu sexo seu escudo/ Sua mente libertação” e depois novamente, na terceira estrofe, agora com a consoante “M”: “Mulher/ Marca de mito embotável/ Mistério que a tudo anuncia”. Notamos que a autora seleciona e combina palavras não apenas por sua significação, mas também pelo critério sonoro, característica própria do texto literário, segundo Norma Goldstein (1989).

Apesar da maioria das rimas serem livres, observamos algumas rimas pontuais como em:

Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação

E também com a recorrência da terminação “ia” na terceira e quarta estrofe, como em *anuncia, dia a dia, alegria, velharias, irradias, pirataria e selvageria*.

A nível lexical e semântico percebemos o uso de linguagem coloquial, pouco uso de verbos e em contraposição um acentuado uso de adjetivos, o que demonstra uma maior descrição do sujeito mulher, com o intuito de retratar esse ser, como em: “Solitária e sólida / Envolve e desafiante”. O poema é permeado pelo uso de metáforas, como na primeira estrofe em: “Seu nome era dor / Seu sorriso dilaceração / Seus braços e pernas, asas / Seu sexo seu escudo / Sua mente libertação” e na quarta estrofe em: “Há sulcos em sua face / Que são caminhos do mundo / São mapas indecifráveis”. O uso de metáforas aumenta a expressividade da mensagem ao ampliar seus efeitos de sentido, por exemplo, ao dizer “Seu sorriso dilaceração”, isso remete a face de seu sofrimento e quando diz “Seus braços e pernas, asas” demonstra o seu anseio por liberdade.

O texto expressa as emoções e sentimentos de uma mulher negra, e revela as dores e sofrimentos vividos que permeiam o seu ser, e que mesmo assim é forte e luta contra a correnteza, essa que costuma trazer os percalços mais duros para essas mulheres.

Na quarta estrofe, há um resgate histórico do período escravagista, quando se lê: “Há corte e cortes profundos / Em sua pele em seu pelo / Há sulcos em sua face / Que são caminhos do mundo / São mapas indecifráveis / Em cartografia antiga”, percebemos que o eu-lírico expressa a história de seus antepassados e demonstra que as marcas da escravização ainda estão em sua pele, em sua face e que as mazelas desse período ainda se refletem nos dias atuais, e, “E que se expõe dia-a-dia” e “Que te delimita”. Conforme Beatriz Nascimento:

Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo. Ser negro não pode ser resumido a um “estado de espírito”, a “alma branca ou negra”, a aspectos de comportamento que determinados brancos elegeram como sendo de negro e assim adotá-los como seus. (RATTZ, 2006, p. 39)

De acordo com Rattz e Gomes (2015), os textos de Beatriz Nascimento trazem um pouco da vida particular de uma figura pública, bastante conhecida por seus posicionamentos e por sua determinação, que tinha uma escrita pessoal que marca igualmente quem passa a conhecê-la, tratando de temas pouco comuns à militância.

Todas as linhas poéticas são permeadas pela força desse ser mulher, que apesar de todo sofrimento vivido, ainda resiste. Ainda assim, podemos destacar a resistência nos trechos: “Nada satisfaz seu impulso / De mergulhar em prazer / Contra todas as correntes”, que contra todas as correntes, toda a subjugação, essa mulher não renuncia a sua luta interior, e desafia o mundo com a sua alegria, sua busca pelo prazer e libertação de sua mente.

Como escreveu Beatriz Nascimento, “a história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita” (RATTZ, 2006, p. 9), e por meio de sua obra a poeta contribui para visibilizar a luta dos negros e das mulheres negras por seu lugar na história e um presente e futuro mais digno e libertador.

2.3 ESMERALDA RIBEIRO: OLHAR NEGRO

*Sou forte, sou guerreira,
tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
mesmo que haja versos assimétricos,
mesmo que rabisquem, às vezes,
a poesia do meu ser,
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“nunca me verás caído ao chão”.*
(RIBEIRO, 2004)

Figura 03 – Esmeralda Ribeiro



Fonte: Liteafro (2021)

Uma grande representante da Literatura afro-brasileira é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958. Ela faz parte da “Geração Quilombhoje”,

que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma Literatura Negra, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras. A autora participa regularmente de Seminários e de Congressos nacionais e internacionais, sempre apresentando estudos sobre escritoras afrodescendentes, com o objetivo de incentivar uma maior atuação da mulher negra na literatura. Desde 1999 edita, com Marcio Barbosa, os “Cadernos negros”, entre outras publicações. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior. Dentre suas principais obras, destacam-se o volume de contos “Malungos e Milongas”, de 1988, em que a condição afrodescendente aflora em toda sua dimensão, com destaque para o tom militante com que denuncia a discriminação dos negros na sociedade “cordial” instalada nos trópicos, Orukomi – meu nome, de 2007, e há três décadas é coautora dos “Cadernos Negros”, uma série de contos e poemas que “desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo”. (RIBEIRO, 2020, [s. p.])

Em uma entrevista concedida em 2017, Esmeralda Ribeiro aborda sobre a sua relação com a literatura:

É uma relação de amor, não aquele piegas, sem grudes, sem dormir na mesma cama e nem na fama. A relação rola quando precisa. A literatura é minha amiga, mas ao mesmo tempo minha inimiga. Há cobranças. Minha relação é uma batalha diária, porque meus padrões literários não se encaixam no padrão estético de ser uma escritora. Prefiro uma relação de sinceridade, sem incorporar um personagem no mundo real. A minha relação com a literatura é literal. Escrever é um ato de vida. É o ponto de equilíbrio de saúde mental e intelectual. Incorporação literária, que contém ancestralidade, realidade, ficção, premonição. Uma relação de ativista. É ter a ilusão de escrever um conto e criar personagens, situações e soluções. Ser uma “*Deusa*”. Sim, ser “*Deusa*” é um exercício criativo. Escrevo para ver a vida de forma positiva. O “não” que me acompanha no meu dia a dia não me assusta. O “não” para mim é algo a superar. Também entre os muitos “nãos” sempre tem os “sims” gratificantes e duradouros. (RIBEIRO, 2017, *s.p.*)

Nesse trecho a autora demonstra que, para ela, escrever é mais do que um trabalho ou um passatempo, é uma forma de expressar superação pelas dificuldades do dia a dia, também como denúncia, como ativismo contra os preconceitos raciais, para dar visibilidade aos seus ancestrais e muito mais, como a própria autora cita: “é um ato de vida”.

Esmeralda escreve sobre os mais diversos temas: amor, família, condição de vida, entre outros. Às vezes, é o tema do momento: política, violência contra os jovens negros. Segundo a autora: “Minha escrita começa no ato de resistência” (RIBEIRO, 2017, *s.p.*). A reflexão reveste a sua escrita e não há limitação de temas, porque o mesmo tema pode ser

poetizado ou contado de diversas formas e por meio de conteúdos diferentes. E, a autora destaca ainda que a literatura nos faz refletir que as situações estão interligadas pelo romance, conto ou poema, mas a poesia toca no coração de todas as pessoas.

O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em “Cadernos Negros: os melhores poemas”, de 1998:

Olhar negro

Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da
Ços

mas,
diante da vítrea lâmina
do espelho,
vou
refazendo em mim
o que é belo

Naufragam fragmentos
de mim
na coca
mas, junto os cacos, reinvento
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos
de mim
diluem-se na cachaça
mas,
pouco a pouco,
me refaço e me afasto
do danoso líquido
venenoso

Tem
Pe
Da
Ços

tem
empilhados nas prisões,
mas
vou determinando

meus passos para sair
dos porões

tem
fragmentos
no feminismo procurando
meu próprio olhar,
mas vou seguindo
com a certeza de sempre ser
mulher

Tem
Pe
Da
Ços,

mas
não desisto
vou
atravessando o meu oceano
vou
navegando
vou
buscando meu
olhar negro
perdido no azul do tempo
vou
vôo,

(Cadernos Negros: os melhores poemas, 1998, p. 64-66)

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título que chama a atenção do leitor ao indicar que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu-lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, o seu olhar, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

Ao analisar o nível gráfico e visual do poema percebemos que este é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o poema, assim, o eu-lírico demonstra a ideia de um ser feito em “pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, notamos que há uma sincronicidade, e ela se divide em três partes:

1	Naufragam fragmentos de mim sob o poente	5 (nº de sílabas poéticas) 2 3
2	mas,	1

3	vou me recompondo com o sol, nascente,	5 3 2
---	--	-------------

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1
Ços	1

Na sequência, percebemos que as estrofes seguintes não seguem a mesma métrica da primeira:

mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3

Sobre a estrutura geral do poema, é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sincronia e as rimas são livres, a sincronia pode ser notada dentro das estrofes e no refrão, que permanece estático. A métrica também demonstra uma fragmentação que se relaciona diretamente com o conteúdo, em que o eu-lírico expressa seu ser segmentado em todo o poema.

Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. Essa união se dá por meio da palavra “pedaços” em que a poeta apresenta de forma separada nos versos, evidenciando o sentido da palavra. E, também, nas pausas nos versos das estrofes que nos remete uma sensação de ruptura.

De acordo com Nilce Martins (2000), os sons da língua podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. Ainda para a autora, “o modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços da sua personalidade” (MARTINS, 2000, p. 26). Ou seja, no poema ou na linguagem em si, as impressões fônicas podem influenciar, intensificar ou produzir sensações, como as que a poeta nos fornece nas pausas e segmentações ao longo do poema. A escansão também nos apresenta uma visão mais clara das fragmentações em seus versos. Como na primeira

estrofe (5-2-3-1-5-3-2) e na terceira (1-6-2-1-5-3), percebemos que as pausas ocorrem quando há apenas uma sílaba poética e em todo o refrão (1-1-1-1).

No nível lexical, percebe-se que a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário mais coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, com o uso da conjunção, “mas” dá-se mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu-lírico, em que este reforça que, apesar de todas as adversidades, ele continua lutando e resistindo. O eu-lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. O interessante é que para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro, percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos que, conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos comprometidos com a real dimensão da etnia. Na visão do autor:

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

Esse engajamento relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros e marcam o início do século atual. Os propósitos de afirmação étnica e de identidade unificam os autores e os seus poemas centralizam-se na representatividade e na tomada de decisão. De acordo com Proença Filho (2004), os textos se fazem majoritariamente de versos livres, o discurso vincula-se às técnicas incorporadas pela linguagem poética a partir do modernismo, há uma preocupação com a singularização cultural, e o texto se situa como denúncia ou ruptura, características que são encontradas no poema em análise, em que Esmeralda Ribeiro se posiciona trazendo sua perspectiva enquanto negra e mulher.

Esse olhar negro, trazido pela poeta, está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações.

A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu-lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe do poema em estudo, o eu-lírico demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstroem com a chegada do novo dia: “Naufragam fragmentos, de mim, sob o poente, mas, vou me recompondo, com o Sol nascente”. Já na terceira estrofe, demonstra que diante do espelho vai reconstituindo sua autoestima, muitas vezes subjugada pela ausência dos padrões de beleza impostos pela sociedade: “Mas, diante da vítrea lâmina do espelho, vou refazendo em mim o que é belo”. Na quarta e na quinta estrofes, ela revela que em determinados momentos de fraqueza, tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “tem empilhados nas prisões, mas vou determinando meus passos para sair dos porões”. E, nesse sentido, o eu-lírico demonstra uma triste realidade, em que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] tem fragmentos no feminismo procurando o meu olhar, mas seguindo com a certeza de ser sempre mulher”, o eu-lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras.

Na última estrofe do poema o eu-lírico demonstra toda a sua capacidade de resistência: “[...] mas/ não desisto/ vou/ atravessando o meu oceano/ vou navegando/ vou/ buscando meu/ olhar negro/ perdido no azul do tempo/ vou/ voo/”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades. A resistência é marcada, principalmente, pela junção dos fragmentos, pois assim, se reinventa, e transforma a sua voz individual em coletiva.

2.4 ESTUDO COMPARADO DOS POEMAS

*Os poemas são pássaros que chegam
 não se sabe de onde e pousam
 no livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam vôo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto;
 alimentam-se um instante em cada
 par de mãos e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhado espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti...
 (Mário Quintana)*

Assim como Coutinho (2016), entendemos que a literatura comparada não se restringe apenas aos estudos, geralmente, de caráter binômico entre obras, autores ou movimentos literários, e não estando mais presa ao cânone da tradição Ocidental, mas ao contrário é receptiva a todo tipo de expressão artística e cultural e aberta às contribuições críticas de outras áreas do conhecimento. Assim, não nos detemos a movimentos literários específicos e a padrões estéticos pré-estabelecidos, permitindo o contraste entre as práticas discursivas que convivem em um mesmo espaço-tempo. Segundo o autor:

Trata-se de um comparatismo, situado no contexto de onde olhamos, que, ao contrastar as produções locais com as provenientes de outros lugares, instaura uma reciprocidade cultural, uma interação plural, que induz conhecimento a partir do contato com outras culturas. (COUTINHO, 2016, p. 190)

As autoras escolhidas compartilham da cultura brasileira, e são contemporâneas, com exceção de Beatriz Nascimento, falecida em 1995, todas as outras continuam produzindo e partilhando suas obras em formato impresso e em diversos suportes tecnológicos.

A produção literária de mulheres negras brasileiras tem se configurado como uma literatura atravessada por temas que mesclam entre anseios por transformações e ressignificações de sua história e sobre ser uma mulher negra, dentro de uma sociedade em que vigora o racismo estrutural. Seus textos, muitas vezes, não se enquadram em postulados de teorias e críticas literárias hegemônicas, tornando-as, de certo modo, “inclassificáveis” ao tratar de temas que implicam a peculiaridade das circunstâncias na vida social: ao exemplo de histórias, memórias, culturas, (des)amores, solidão, ancestralidades, feminicídios, religiosidades, tradições africanas e negro brasileiras, africanidades, ancestralidades, autoamor, feminismos e empoderamentos, dentre outros elementos, referentes às populações negras e aos modos e condições de vida das mulheres negras.

Outro ponto a ser considerado é que a literatura afro-brasileira não pode ser avaliada com base nos pressupostos tradicionais da instituição literária, considerando a existência de

peculiaridades que muitas vezes divergem de modelos hegemônicos, assim os escritores da literatura afro-brasileira buscam outra literariedade, normalmente não reconhecida e não valorizada pela instituição literária. Um dos aspectos mais marcantes do não cumprimento dos preceitos tradicionais ou conservadores seria o da arte indissociável do seu aspecto empenhado e do papel transformador da arte.

A literatura negro-feminina expressa inclusive a representatividade de tornar-se negro (a) como um valor positivo, permeados por exercícios de alteridade, emancipação e, principalmente, por escritos de resistência. E, assim, com a sua linguagem ímpar, escritoras negras declamam duras realidades vividas pelas populações negras e pobres do Brasil. A diferença dos poemas afro-brasileiros é a sua capacidade de dar visibilidade às marcas culturais e existências que identificam os descendentes de africanos do Brasil.

Notamos que a maioria das características citadas acima estão presentes nos poemas em estudo. Os três poemas se aproximam, principalmente, pela construção do eu das poetas, da identidade como mulher negra, da experiência pessoal do racismo e da reconstrução da autoestima e, a partir do sentimento individual, o poema se eleva ao universal por expressar aquilo que muitos vivenciam. Como explicita Adorno:

O mergulho no indivíduo eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, anunciando desse modo, por antecipação, algo de um estado em que nenhum universal ruim, ou seja, no fundo algo particular, acorrente o outro, o universal humano. (ADORNO, 2003, p. 66)

Conforme bem apresenta o autor, por meio dos poemas em análise, as poetas exprimem uma realidade pessoal, que faz com que os leitores se identifiquem ou se coloquem no lugar do outro, elevando o sentimento individual que alcança as raias da coletividade das populações afro-brasileiras. O individual espelha e retrata sua coletividade étnica.

Em relação à estilística, todos os poemas possuem versos livres e não há contagem métrica-simétrica, assim como Norma Goldstein (1989) afirma que conforme a vida das pessoas tornou-se mais liberta de padrões e mais imprevisível, o ritmo dos poemas acompanhou o processo, tornou-se mais solto, mais livre, menos simétrico.

Para Carvalho (2006), comparar também é contrastar. Assim, observamos que o poema *Sonho* possui mais traços sonoros e rimas, enquanto *Olhar Negro* possui um visual gráfico marcante em relação ao conteúdo. *Resisto* difere pela sua extensão reduzida em comparação com os demais, porém não menos intenso e expressivo. Notamos, também, um contraste visto que os poemas *Resisto* e *Olhar Negro* estão escritos na primeira pessoa do

singular, ou seja, eu que falo, a partir do meu ponto de vista, em *Sonho* os versos são escritos em segunda e terceira pessoa¹⁵, e muda o discurso: fala-se a uma pessoa em particular, mesmo que a biografia da autora indique aproximações. Salete Cara (1989) destaca que “o sujeito lírico é o próprio texto, e é no texto que o poeta real se transforma em sujeito lírico.” (CARA, 1989. p. 48).

Percebemos que os poemas se identificam e dialogam entre si, pela tópica decorrente das condições adversas impostas à etnia afro e pelo anseio por políticas de mudanças, visto que as diversas indagações podem ser encontradas nos próprios versos das poetisas. Quando Alzira questiona “de onde vem este medo?”, Beatriz responde: dos “cortes profundos/ em sua pele em seu pelo” e para a dúvida de Alzira “De onde vem esta vergonha sobre mim?” Esmeralda prontamente afirma: “Da vítrea lâmina do espelho”. Quando Beatriz em sua ânsia exprime “Quem faz rolar quem tu és? Esmeralda suavemente reconhece “Meu olhar negro/ perdido no azul do tempo” e assim que Beatriz problematiza “Que te delimita?” e Esmeralda explica: “Meu próprio olhar/ mas vou seguindo/ com a certeza de ser sempre mulher”. E, finalmente, quando Beatriz reivindica “Quem te impede de gritar?”, Alzira conclui: “Eu, mulher, negra/ RESISTO”. E, dessa forma, elas se completam, apoiam-se umas nas outras e continuam a resistir e a lutar contra as adversidades da vida.

É preciso compreender a produção literária de autoras negras como um projeto integrante da literatura afro-brasileira, ajudando a compor o grande acervo de obras que problematizam as violências ocorridas no país. Literatura em que se gestam palavras e narrativas comprometidas, não somente com a fruição, mas também com modos criativos e discursivos de mobilização de existências, de descoberta e interpretação. Ao contemplarmos as obras literárias de autoras como Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro, dentre tantas outras, compreendemos que ainda é importante apoiar as vozes autorais de mulheres negras, que ecoam como exercícios de resistência em suas palavras literárias.

A resistência é, sem dúvida, o traço maior de consonância entre as obras pesquisadas e o que nos levou a empreender essa pesquisa. Apesar de ela estar imbuída em cada verso, trazemos aqui alguns trechos que nos chamaram atenção e que ficaram mais explícitas as palavras de resistência:

Eu, mulher, negra
Resisto.

¹⁵ Nesse caso, notamos que o uso da terceira pessoa refere-se sempre a “você”, com o uso do pronome “Seu”, e ora alterna para “tu” (segunda pessoa). Isso é comum no português brasileiro, e, portanto, ambos se referem a mesma pessoa, o seu interlocutor.

(RESISTO, Alzira Rufino)

Aqui o eu-lírico expressa em pausas, com a essência de cada palavra entre vírgulas, que resiste e manifesta a sua força:

Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes.
(SONHO, Beatriz Nascimento)

Nesse trecho, o sujeito é contrário a aceitação das condições de vida e opressão sofrida e demonstra a satisfação de contrariar o que lhe é imposto.

Vou me recompondo [...]
Mas, junto os cacos, reinvento [...]
Mas vou seguindo [...]
Não desisto.
(OLHAR NEGRO, Esmeralda Ribeiro)

Nesses versos, o eu-lírico se refaz, a cada quebra. A conjunção adversativa “mas” além de marcar o ato de resistir ao se recompor dos tombos impostos pelas circunstâncias adversas, mas, também há um outro uso, funciona como adição da resistência e persistência em se levantar, fazendo que a reação imposta pelas quebras deixe de ser somente reação e passa a ser ação controlada por uma vontade inquebrantável, que embora não possa não se deixar quebrar pelas forças adversas que são maiores, ousa arrastá-las em não se dar por vencida e se impor ao se reinventar. Tecer memórias sobre si, imbuídas de auto ficcionalização de suas histórias, desejos e realidade vivida foi possível para Alzira, Beatriz e Esmeralda. Candido define que “A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (2010, p. 84). É assim a lírica feminina negra, e entra em consonância com o que Angela Davis menciona:

Nós não precisamos de homogeneidade nem de mesmice. Não precisamos forçar todas as pessoas a concordar com uma determinada forma de pensar. Isso significa que precisamos aprender a respeitar as diferenças de cada pensar, usando todas as diferenças como uma *‘fagulha criativa’*, o que nos auxiliaria a criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos (DAVIS, 2020, p. 9, grifo da autora).

No trecho acima, Angela Davis descreve bem a poesia das autoras em estudo, que superam as adversidades, trazendo seus iguais para a literatura por meio da promoção de um novo discurso, que traz alento e ânimo aos de condições análogas, ao mesmo tempo que

contribui para a formação da identidade e os sentimentos da etnia afro-brasileira e evidencia mulheres que lutam pelo seu espaço como sujeito político, humano e social.

Assim, consideramos que a poética resultante da escrita dessas autoras torna-se uma saída para não só dizer apenas de si, mas de muitas e muitos, e para reinventar modos de resistir e traçar alternativas de superação e mudança.

Acreditamos que, além das ações efetivas das autoras, como militantes dos movimentos negros, que fortalecem a causa e enfrenta o racismo, a literatura dá a sua contribuição na luta para a superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero, pois, o texto literário é capaz de nos levar a reavaliar determinados conceitos e posições, à medida que nos oferece ocupar o lugar do outro.

A literatura, em especial a negra, se coloca como porta-voz da subversão da vida social, uma vez que “[...] permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana. Nem a nossa vida pessoal, nem a ciência ou filosofia permitem em geral esta experiência ao mesmo tempo una e dupla.” (ROSENFELD, 1976, p. 52).

Compreendemos que há na literatura negra uma possibilidade de promover a empatia com o próximo. Para Compagnon (2009), “A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico, porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam” (COMPAGNON, 2009, p. 50).

E, deste modo, fazer o público leitor estabelecer ou questionar as suas posições sociais, opiniões políticas, formas de compreender e conceituar o mundo perante as desigualdades que o rodeiam, ainda que não se reconheça como vítima direta delas.

Obras que expressam a vivência negra são necessárias para pensarmos em mudanças socioeconômicas e políticas diferentes das preestabelecidas socialmente para a mulher negra. Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro, com singeleza e força, nos transportam para situações análogas vividas por elas, sendo então um convite à reflexão sobre a importância de repensar o mundo. Essas vozes têm rompido com pressupostos preestabelecidos e a sua literatura tem se constituído como um veículo de denúncias, possibilitando o surgimento de novos discursos, demonstrando a força do feminismo negro, que mesmo diante das agruras vividas havia a urgência em (re)existir e em ressignificar a dor provocada pelas violências sofridas desde o início da história do Brasil com as diferenças impostas a elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mais de três séculos de escravidão no Brasil, que só teve fim após grande resistência dos negros escravizados, acrescido do interesse econômico internacional, deixaram marcas profundas de desigualdade em todas as estruturas de poder no Brasil. O domingo de 13 de maio 1888 quando foi sancionada a Lei Áurea, foi um grande dia nas palavras de Machado de Assis: “houve sol, e grande sol, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto¹⁶”. Mas, infelizmente, a lei que libertou, mas, não trouxe nem reparação e nem igualdade para os escravizados, ao contrário lhes criou inúmeros empecilhos para construir condições de vida digna. Disso, resultou a necessidade de os negros continuarem a lutar e a resistir da forma como podiam. Decorridos mais 134 anos depois da Lei Aurea, a luta resiste e persiste, pois ainda permanece a disparidade sociocultural que sustenta as relações econômicas, sociais, culturais e institucionais do país contra os negros¹⁷.

Após a abolição da escravatura, as pessoas negras não tiveram acesso à terra, a indenização ou reparo por tanto tempo de trabalhos forçados. Foram, em sua maioria, marginalizados, e a partir daí, instalou-se a sua exclusão dentro das instituições e em todos os espaços de poder, resultando em um racismo estrutural. Esse que é responsável por um longo processo de desigualdade racial e que tem resultado no genocídio de negros, no encarceramento em massa, na pobreza e na violência contra mulheres.

Na literatura, por muito tempo, os negros foram estereotipados e marginalizados do cânone vigente. A mulher negra teve sua imagem sempre ligada a sexualização e ao exotismo, ou comercializada como produto de exportação de baixo custo. Com o passar do tempo, junto aos movimentos negro e feminista, as mulheres negras têm lutado para ocupar espaços importantes na vida social e na literatura.

Segundo Zilá Bernd (1988):

¹⁶ ASSIS, A Semana, 14 maio 1893.

¹⁷ <https://politicalivre.com.br/2022/07/negros-sao-a-maioria-das-vitimas-de-crimes-violentos-no-brasil-mostra-levantamento/#gsc.tab=0> - acesso em 02 de julho de 2022.

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/negros-tem-mais-do-que-o-dobro-de-chance-de-serem-assassinados-no-brasil-diz-atlas-grupo-representa-77percent-das-vitimas-de-homicidio.ghtml> acesso em 02 de julho de 2022.

<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao> acesso em 02 de julho de 2022

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a re-escritura da História do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação à conscientização. Assim, a proposta do eu-lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio (BERND 1988, p. 77, grifos da autora).

De acordo com a autora e com leituras críticas da literatura brasileira, hoje presenciamos vozes que demonstram a força com que a vertente afro vem questionando os lugares preestabelecidos de (in)visibilidade desse povo. Esse movimento apresenta as mulheres negras como agentes de sua própria história, enquanto personagens ou escritoras.

Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro são militantes não apenas na área dos direitos humanos, são militantes na escrita e na poesia. Todas têm em comum além da cor da pele a origem humilde e o fato de encontrarem nos estudos a saída para o “lugar comum” reservado às mulheres negras. Uma mulher negra, que se torna pesquisadora e elabora um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, inspirada da vida extra-muros da universidade como as autoras fizeram, rompe com esse processo de invisibilidade no espaço acadêmico e na vida social, embora muitas vezes como disse Beatriz Nascimento: “Em contato com as outras pessoas tenho que dar praticamente todo o meu “curriculum vitae” para ser um pouquinho respeitada” (RATTZ, 2006, p. 96).

Em um país fortemente marcado pelo patriarcalismo e racismo, as escritoras reconhecem ser ínfimo o espaço social atribuído à figura feminina pertencente ao seu grupo étnico. A partir do discurso das autoras, notamos que para elas uma das maneiras de superar os obstáculos é estimular a conscientização dessas mulheres, de forma que elas não se sujeitem aos estereótipos e preconceitos que as condenam à exclusão.

Concluimos a partir da análise dos poemas que a literatura afro-brasileira de autoria feminina estabelece reflexões a partir da experiência de um sujeito atravessado pelas identidades de ser mulher e de ser negra na sociedade brasileira, e apresenta resistência em sua textualidade a todas as imposições sofridas ao longo dos anos.

Os poemas em análise devem ser considerados como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas a força e a resistência presentes no discurso das mulheres negras. A construção do eu, da identidade como mulher negra, a experiência pessoal do racismo e do sexismo, a autoestima, podem ser abordadas como um processo do que contemporaneamente denominamos de empoderamento.

Para Adorno (2003), a resistência contra a pressão social não é apenas individual e subjetiva, ela atua por meio do indivíduo e de sua espontaneidade, e pode se dirigir para uma situação social e objetiva, como demonstrado por meio das obras das poetisas. Portanto, os poemas apresentados, além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, pois trazem em seus versos uma outra versão da história, aquela marginalizada e excluída. As obras dessas poetisas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos pela população negra.

A pergunta da pesquisa, aqui apresentada, questiona como a palavra dessas mulheres contribui para a libertação étnica, de gênero e de classe, e se não contribui, se ao menos, faz com que elas não caiam mais, na luta contra o sistema que subjuga as mulheres negras aos piores lugares e posições possíveis na sociedade. Acreditamos que sim, que contribui em vários aspectos: a) para as mulheres negras: que possam se identificar e sentir-se representadas pela voz do eu-lírico ao expressar seus sentimentos, e que possam ser motivadas a buscar e realizar seus sonhos; b) para mulheres brancas e os homens em geral: para que conheçam a sua versão da história, e possam sentir empatia e mudar seu modo de agir no dia-a-dia em relação às mulheres negras¹⁸; c) para difundir o trabalho dessas mulheres incríveis e inspirar outras pessoas a promoverem mais estudos como este, sobre essas e outras mulheres negras; d) para conhecimento, estudo e/ou fruição dos poemas escolhidos e outras obras de autores negros.

Nossa hipótese é a de que as organizações de mulheres negras estão ocupando uma nova função: a de novas guardiãs da produção discursiva da memória sobre o grupo, na medida em que elas produzem, registram, difundem, arquivam e lutam pela ressignificação da história da mulher negra e da sua respectiva representação.

¹⁸ **Apresentadora da Globo reproduz racismo estrutural - Vai servir todo mundo!**

Durante transmissão ao vivo na Globo, apresentadora Thalita Morete foi salva pelo colega Manoel Soares, que deu aula de como lidar com o racismo estrutural: a apresentadora Thalita Morete protagonizou uma situação constrangedora no programa 'É de Casa', na TV Globo, no último sábado (11/6/22). Thalita estava com uma bandeja de cocada nas mãos e fez a cozinheira Silene, negra, levantar-se e servir os demais convidados. "Silene, a dona da cocada, vai fazer as honras da casa, vai servir todo mundo, Silene", disse a apresentadora Thalita Morete. "Por favor, pode oferecer que tá todo mundo querendo sua cocada", completou. Silene estava sentada assim como os demais convidados e, constrangida, foi obrigada a se levantar pela exigência da apresentadora. A cozinheira é moradora da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e faz sucesso com suas cocadas. Enquanto a cozinheira pegava a bandeja para começar a servir os outros convidados, Manoel Soares, único negro e também apresentador do programa, interveio: "Olha só, vamos fazer o seguinte, eu vou ser o seu garçom e você vai me orientar pra quem eu vou servir porque você não vai servir ninguém", disse o apresentador.

Acesso em 18 jun 2022 disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/06/apresentadora-da-globo-reproduz-racismo-estrutural-e-e-salva-por-colega.html?fbclid=IwAR3k184Ybs5QN841VikoJtEh8TGhHNey_BqPTEShV3GgIZCEUFUwuYJ9KxU

Assim, a presente pesquisa busca contribuir para novos estudos da poesia lírica, da literatura negra e de resistência, não como um fim em si mesmo, mas como uma ponte para novas leituras e encontros entre culturas e campos de conhecimentos.

Ler e trazer essas vozes para discussões é necessário para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo e possam fazer parte dessa luta.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Palestra sobre lírica e sociedade*. In: _____. Notas de Literatura I. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora Duas Cidades, 2003. p. 65-90.
- AGÊNCIA BRASIL – *Cresce total de negros em universidades, mas acesso é desigual*. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual#>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- ALVES, Miriam. A Literatura Negra Feminina no Brasil – pensando a existência. 226 *Revista da ABPN*, v. 1, n. 3 – nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/issue/view/5> Acesso em: 22 ago 2013.
- ANTOLOGIA DA MULHER NEGRA, 2014. Disponível em: <http://antologiadamulhernegra.blogspot.com/p/alzira-rufino.html>. Acesso em 27 abr. 2021.
- BERSANI, Humberto. *Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no brasil*. Extraprensa, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175 – 196, jan - jun. 2018
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá (Org.). *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE : IEL : IGEL, 1992.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- CADERNOS NEGROS. *Os melhores poemas*. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- CARA, Salete A. *A poesia lírica*. São Paulo: Ática, 1989.
- CARNEIRO, S. *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, 17(49), 2003, p. 117- 132.
- Carvalho, Tânia F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão da corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- COMPAGNON, A. *Literatura Para Quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COUTINHO, Eduardo F. *O novo comparatismo e o contexto latino-americano*. Rio de Janeiro: ALEA, vol. 18/2, p. 181-191, mai-ago, 2016.

CRUZ, Antonio D. *O Universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*. Cascavel-PR: Edunioeste, 2012.

DAVIS, Angela. *As mulheres negras na construção de uma nova utopia*. s/d. Disponível em: <https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/c2a0as-mulheresnegras-na-construc3a7c3a3o-de-uma-nova-utopia-e28093-angela-davis.pdf>. Acesso em 11 de jan. de 2020.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Questão de pele para além da pele*. In: RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009

FRAGA, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo, Editora Ática, 1989.

GONZALES Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244

JORNAL CRUZEIRO. *Literatura afro-brasileira é tema de bate-papo no Sesc*. 2017. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/834634/literatura-afro-brasileira-e-tema-de-bate-papo-no-sesc>. Acesso em: 27 abr. 2021.

LIMA, Carina B. *Literatura Negra: uma outra história*. Terra Roxa e outras terras – Revista de estudos literários, vol. 17-A, 2009.

LIMA, Jorge de. *Poesia completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

LOBO, Luiza. *Crítica Sem Juízo*. 2a ed. revista. Rio De Janeiro: Garamond, 2007.

MARTINS, Nilce S. *Introdução à Estilística*. 3 Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MICHAELIS DICIONÁRIO ON-LINE. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/resist%C3%Aancia/>. Acesso em 16 abr. 2021.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – usos e sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação – PENESD-RJ, em 05 de novembro de 2003.

NASCIMENTO, Beatriz. *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento* /Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes; ilustrado por Iléa Ferraz e revisado por José Henrique de Freitas Santos. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015. p.30

ORIGEM DA PALAVRA. 2021. Disponível em:<https://origemdapalavra.com.br/palavras/resistencia/#:~:text=Resposta%3A,firme%2C%20manter%20a%20posi%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D>. Acesso em 16 abr. 2021.

PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.

PRATES, Lubi. *Um corpo Negro*. São Paulo: Nosotros, 2018.

NELSON MANDELA E A LUTA CONTRA O APARTHEID. 2018. Disponível em <https://www.politize.com.br/nelson-mandela-e-a-luta-contr-o-apartheid/>. Acesso em: 30 set. 2021.

PESCUMA, Cristina. *Deleuze: conceito, percepto, afecto*. [S.l.]: Devir, 2013. Disponível em: <http://devirfotografia.blogspot.com/2013/09/no-abecedario-entrevista-feitas-deleuze.html>. Acesso em: 06 out. 2021.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. In: _____. Estudos Avançados, vol. 18 n 50, 2004. pp. 161-193.

QUADROS, Keila P.F. *Memória e identidade afrodescendente: a construção simbólico-poética negra no quilombo de tipitinga em Santa-Luzia do Pará – PA*. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2019.

RATTZ, Alex. *Eu sou atlântida: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza, 2016.

RATTZ, Alex e GOMES, Bethânia (Org.). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Ed. Ogum's toques negros, 2015.

REIS, João José. *Revoltas escravas*. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Esmeralda. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

RODRIGUES, Cristiano Santos. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2006.

ROSENFELD, A. *Estrutura e Problemas da Obra Literária*. São Paulo: Perspectiva, 1976

RUFINO, Alzira. *Eu, mulher negra, resisto*. Santos: edição da autora, 1988.

SISEB. *Viagem literária*. 2020. Disponível em <https://siseb.sp.gov.br/viagem-literaria-2020/post/e-importante-termos-a-poesia-com-visibilidade-diz-lubi-prates>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

TRINDADE, Solano. *O poeta do povo*. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999.

VILARIÑO, Idea. *La masa sonora del poema*. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.